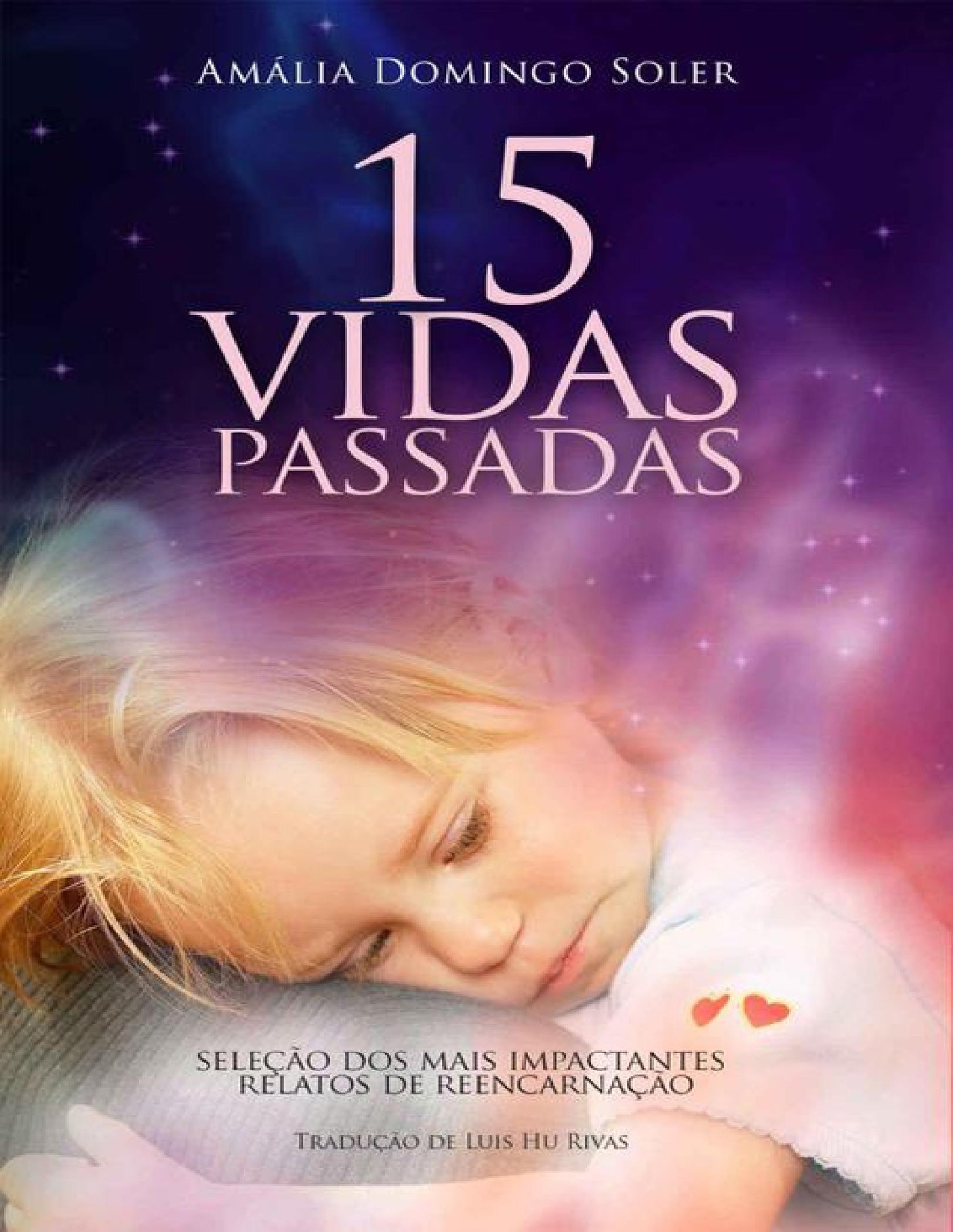


AMÁLIA DOMINGO SOLER

15 VIDAS PASSADAS

SELEÇÃO DOS MAIS IMPACTANTES
RELATOS DE REENCARNAÇÃO

TRADUÇÃO DE LUIS HU RIVAS



AMÁLIA DOMINGO SOLER

15
VIDAS PASSADAS

Seleção dos mais impactantes relatos de reencarnação

Tradução Luis Hu Rivas

Os quinze relatos de reencarnação que compõem este livro, foram seleccionados a partir de mensagens psicografadas pela médium espanhola Amália Domingo Soler e traduzidos por Luis Hu

Rivas.

Capa: Luis Hu Rivas

*Aos Espíritos Amália Domingo Soler e Juan Antonio Durante, que
inspiraram e acompanharam na realização deste trabalho.*

Sumário

Introdução

1. A menininha que ficou cega
2. O menino monstro
3. O recém-nascido sem braços e sem pernas
4. A velhice de cento e cinquenta anos
5. A exploração de uma criança deforme
6. Os mendigos ricos
7. O crime de um louco obsidiado
8. O ganancioso miserável
9. O homem salvo por um fenômeno sobrenatural
10. A garota surda-muda, com paraplegia e doença mental
11. A morte de uma esposa na lua de mel
12. A avó obsessora
13. A menina assassina
14. O neném abandonado na porta de casa
15. O enterro de um mártir

Sobre o Autor

Introdução

O conhecimento das razões que fundamentam a “Lei da Reencarnação” sob a luz do Espiritismo, é de grande importância para todo ser humano.

A dor e o sofrimento são a confirmação e a prova da justiça de Deus. Bem entendidos e bem compreendidos, podem mudar o futuro da humanidade.

Quando o homem souber, quem é, de onde vem, e para onde vai, conseguirá transformar a sua forma de agir para com os outros e para consigo mesmo. Poderá mudar com consciência seus hábitos e pensamentos e, finalmente, encontrará a solução para muitos enigmas da ciência, da filosofia e da religião.

Compreenderá que a lei de “causa e efeito”, por algumas doutrinas orientais chamada de “karma”, não é uma lei de punição, mas sim, de uma lei de ajuste e de harmonia universal.

Essa lei, ainda pouco conhecida, está presente em todos os acontecimentos da vida, no dia a dia, nas maiores e nas menores ações que fazemos. É uma lei viva, que regula tudo, desde o microcosmos até o equilíbrio dos mundos.

Quando o homem descobrir que é um espírito imortal, que vem evoluindo através dos milênios por muitas existências, e que por muitas outras ainda, precisará reencarnar rumo à sua perfeição. Acordará para sua nova realidade: a de ser um anjo em potencial.

A felicidade verdadeira lhe está preparada, segundo o esforço que fizer desde agora, no seu trabalho de auto-iluminação.

Mas para que tudo isso aconteça, é necessário que compreenda os porquês da vida, das dores de alguns seres, desde o nascimento e das aparentes injustiças de Deus. O homem na Terra precisa ter a certeza que nada acontece por acaso, e que em tudo, absolutamente tudo, está presente a lei divina.

Acreditamos que a leitura desta obra, vai trazer para o amigo leitor, profundas reflexões, até então inimaginadas e a compreensão do seu papel no planeta em que está encarnado.

Para melhor orientá-lo, selecionamos as mais interessantes mensagens psicografadas, referentes à explicação de vidas passadas, pela médium espanhola, Amália Domingo Soler.

Estas mensagens foram traduzidas e adequadas para uma maior aproximação com o leitor.

Para isso, foram então separadas situações de pessoas que nascem cegas, aleijadas, órfãs, abandonadas ou exploradas cruelmente. Também foi selecionado o caso de uma criança assassina e outra que sofre de doenças mentais; de gente que fica paraplégica, e até histórias verídicas dos sofrimentos de idosos, mendigos e de famílias infelizes.

Esperamos poder contribuir com uma mudança comportamental íntima, para uma melhor compreensão de cada ser, no estrito cumprimento do seu dever.

Que Deus nos ampare.
Tenham uma boa leitura.

Luis Hu Rivas

Tradutor da obra

1. A menininha que ficou cega

Há alguns dias, veio me visitar minha amiga Alícia. Para mim, uma pessoa muito cara. Ela é uma mulher distinta, de porte verdadeiramente aristocrático, esmeradíssima educação, vasta instrução, e espírita convicta. Ela lê com grande aproveitamento tudo o que está escrito sobre o Espiritismo, traduzindo e comentando suas melhores obras, sem que seu nome real venha à luz.

Certamente, ela faz o bem pelo próprio bem, e trabalha sem querer os louros da fama. Mas a glória de sentimentos elevados toma todo o seu ser. Mulher de meia-idade, mantém a esbelteza e a elegância da juventude, mas há algo nela que atrai, seduz, interessa. Quando as pessoas falam com Alícia, gostariam de parar o tempo, para que aqueles breves momentos tornassem-se intermináveis horas.

Casada e mãe, dedica-se a toda sua família, que não têm os seus ideais. Ela, prudente e reservada, oculta o valioso tesouro das suas crenças, e evita discussões com seus familiares.

Vive, pode-se dizer, em um mundo superior. Participa de lutas terrenas, consola as lágrimas das suas filhas, se elas sofrem dores naturais que proporciona a vida das mulheres casadas. Depois de cumprir com seus deveres de mãe amorosa, parece entrar em outro mundo, novamente concentrada em si, parece viver em memórias. Essas lembranças devem ser muito dolorosas, porque seu rosto assume uma expressão triste, e fica mais triste ainda, porque não é comunicativa, fecha-se no silêncio e evita cuidadosamente falar sobre ela mesma.

Bem como oculta os seus trabalhos espíritas - para evitar aborrecimentos com a família-, também guarda as suas preocupações e ansiedades, assim como os seus temores.

Quando falo com ela, percebo que estou lendo um livro, no qual, só vejo a primeira página, já que as demais estão fechadas. De modo que a última vez que a vi, fiquei surpresa ao encontrá-la mais comunicativa e mais expansiva.

Aquele Espírito superior desceu de seu alto pedestal. Humanizou-se, e sem dúvida, encurtou as distâncias entre ela e a maioria dos mortais. E ao

perceber tal mudança, minha alegria não teve limites. Demonstrei dizendo:

- Não sei o que observo em você, mas lhe acho mais carinhosa, mais perto de mim.

- Sem dúvida, você não vê que a dor é a grande geradora de democracia do universo?

Aqueles que sofrem, entendem-se facilmente. Faz tempo que você sofre, e eu, nos últimos anos, também sofri grandes reveses. É pela lei de afinidade que falo contigo, para que possa me esclarecer o que eu não consigo enxergar.

Eu sei que você tem muito boas relações com os Espíritos e que eles vão contar muitas histórias. E eu desejo que uma vez mais respondam às suas perguntas, não apenas para satisfazer minha curiosidade, mas para estudar um dos capítulos da história humana.

- Você sabe que lhe gosto muito e a admiro. Vejo em você dois seres diferentes, embora exista só um verdadeiro. Adivinho as suas tristezas e, para dar-lhe consolo, farei tudo o que me for possível.

- Eu sei, seu Espírito e o meu se conhecem há tempos, e embora desta vez o nosso destino tenha nos separado, não pouco interessa. As almas não precisam do atrito dos corpos para entenderem-se, quererem-se e fazerem-se favores.

Seríamos eremitas se as humanidades que povoam os mundos não pudessem se comunicar umas com as outras, através das grandes distâncias, mas vamos ao assunto que me preocupa. Acho que você já sabe que eu fiquei viúva.

- Sim, eu soube. E mesmo que não soubesse, o seu luto teria indicado.

- Mas isso não dirá como faleceu o meu marido. Ele morreu da morte mais horrível que você possa imaginar.

- De que morreu?

- De fome!

- Jesus, que horror! Tinha algum câncer no estômago que o impedia de comer?

- Não, ele era muito bom e muito saudável. Sabia cuidar-se como poucos homens. Sua ciência médica lhe servia admiravelmente para não padecer de dores físicas. Mas uma dor moral lhe fez esquecer todos os métodos higiênicos. Entregou-se nos braços de uma silenciosa obstinação, e a sua vida apagou-se, como se extingue a luz de uma lâmpada que não tem o óleo necessário.

- Deve ter sido uma imensa dor, pois que eu sabia seu marido não era um homem de sentimentalismos.

- Realmente, não era ligado em sentimentalismos. Ele era bom, mas severo.

Seu mundo era a ciência, sua família, seus inúmeros doentes, e as suas únicas alegrias eram restaurar a vista aos cegos. Por centenas são contados os cegos que ele curou, em todas as classes sociais. Atendia do mesmo jeito aos mais pobres e aos mais ricos. As operações mais difíceis jamais as encarregavam a seus assistentes, como fazem a maioria dos médicos descomprometidos.

Onde via perigo, lá estava ele. Tanto lhe dava que fosse um mendigo nojento, como um doente aristocrático, limpo e perfumado. Ele dizia que a ciência é a igualdade em ação, e que o verdadeiro médico é o grande democrata, o grande nivelador. Para ele não existiam classes sociais, por isso, respondia a todas as chamadas.

De modo que o meu marido, nunca fingiu ser surdo, quando foi chamado pelos aflitos.

- Deve estar muito bem no mundo espiritual!

- Com certeza, a menos que a sua morte seja um obstáculo para a sua glória, porque ele se matou. Suicidou-se.

- E qual foi o motivo para tal determinação violenta?

- Eu vou lhe dizer. Uma das minhas filhas se casou e deu à luz uma menina linda, com olhos belíssimos, que pareciam duas estrelas. Desde que ela nasceu, meu marido ficou louco por ela e a pequenina por ele. O avô e a neta eram dois corpos e uma só alma, estando juntos, já estavam felizes.

Meu marido rejuvenesceu, e sempre estava com sua neta em seus braços. Creio inútil dizer, não deixava a menina tocar nem com seus pés o chão, evitou-lhe a dor da dentição e demais doenças da infância.

Mas, a varíola se apoderou dos olhos da minha neta e de todo o seu corpo, principalmente dos olhos. Meu marido não queria comer nem dormir. Estava ao lado da pobre menina, devorando livros, procurando a luz para aqueles olhos que eram a sua vida. Devolveu a luz a um, mas o outro saiu de sua órbita e meu marido enlouqueceu, se retirou para seu quarto e ouvi-lo que exclamar a sós:

- Será possível? Eu, que restaurei a visão a muitos cegos, que curei a tantos sífilíticos, e a este anjo tão belo, não consiga curá-lo completamente.

Será colocado um olho de vidro, será feito maravilhas, mas enxergará somente a metade.

Até mesmo, o olho que eu salvei agora, não será tão belo, não terá aquele brilho deslumbrante. Para que me serviu a minha ciência? Para nada.

- E então, ele se recusou a tomar qualquer tipo de alimento, vivendo alguns dias, alimentando-se com água, mas todos meus apelos foram inúteis.

Ele apenas respondia: não adianta o que você me diga. Não posso comer, e até mesmo a água, eu tenho dificuldade de engolir.

Dois dias antes de morrer, ele me pediu frutas muito maduras, mas já era tarde demais. Morreu de fome, sem proferir uma queixa, só dizia entre dentes: quando nós não servimos para nada, devemos deixar o nosso lugar para os outros.

Que laço o unia com sua neta? Bem, eu tinha outros netos, e por nenhum deles se desvelou como pela sua menina querida. Se você puder perguntar ao Espírito Guia, para saber qual é a história que tem esses dois Espíritos, eu ficaria muito agradecida. Porque morrer como meu marido morreu, um homem tão sério, tão correto, tão dedicado à ciência, somente pode acontecer por uma causa muito poderosa, para levá-lo a sucumbir tão tragicamente.

- Eu prometo que vou aproveitar na primeira oportunidade para comprazer-te.

Cumpri a minha palavra perguntando ao meu Espírito Guia, o que desejava saber Alícia, e o Espírito amigo disse-me o seguinte:

Psicografia

Justo é o desejo que impulsiona a ambas, e será objeto de estudo, o que eu vou lhes dizer. Ouçam com a maior atenção.

O homem que “morreu de fome”, ao que chamaremos Raul, e sua neta, são dois Espíritos que andam juntos por muitos séculos. Estiveram unidos por todos os laços terrestres e nas suas últimas encarnações, foram amigos inseparáveis. Eram mestre e discípulo.

Por longos séculos, Raul dedica-se a curar doentes. A menina que nesta encarnação foi a sua neta, foi em outra vida, o seu discípulo mais notável e

seu assistente mais dedicado. Ele tinha fama, quase tanto como a do seu mestre.

Os dois eram inseparáveis, cada um complementando o outro. Tamanha sorte tinha em suas curas, que chegaram a ficar orgulhosos, o mestre e o discípulo. Eles eram realmente infalíveis em seus julgamentos médicos.

Suas palavras eram proféticas, nunca estavam errados, nem mantendo o bem-estar da saúde, nem pressentindo doenças. Eles foram sempre tão convictos de sua infalibilidade, que não se contentaram em seguir os passos de outros sábios doutores. Assim, começaram a inventar novos métodos e procedimentos especiais.

Para ter maior segurança nos seus experimentos, não ficavam satisfeitos com os testes em vários animais, como era costume. Para ver o resultado que produzem os soros e outras injeções hipodérmicas, fizeram seus testes em infelizes crianças sem família, nos hospitais e nos orfanatos.

Um morriam, outras foram salvas, e os dois sábios não sentiam o menor remorso pela morte desses inocentes. O que era a morte de uma criança sem família, para o bem que aquela experiência traria para a humanidade?

Além do bem produzido, a fama universal que aqueles dois médicos eruditos chegaram no dia a dia, lhes enchia de orgulho. Acreditavam ser infalíveis, porque de longínquas terras, vinham os doentes em peregrinação, para recuperar a saúde perdida.

Raul era de fato uma celebridade médica, seu discípulo nunca o deixou por um momento e, estranhamente, não invejava o seu mestre.

Como estavam unidos há tantos séculos, por íntimos e legítimos laços de amor, sua admiração beirava a idolatria. Livre das misérias terrestres, o seu maior prazer era proporcionar ao seu mestre, crianças carentes nas quais Raul experimentava a eficácia dos seus inventos ousados.

Os dois acreditavam serem deuses. O orgulho os cegou, e o orgulho também é um pecado. Como todo pecado tem a sua condenação. Raul e seu discípulo pagaram nesta existência, uma parte da sua longa conta.

O discípulo amado é hoje a meiga menina, cujo avô, com todo o seu conhecimento, não tem sido capaz de curar completamente. O sábio orgulhoso, aquele que acreditou ser infalível nos seus julgamentos, tem sido impotente para curar o seu querido anjo.

Ele não teve compaixão pelas crianças pobres, sacrificadas ao estudo e a investigação científica. Nesta encarnação sofreu com as consequências da sua indiferença do passado. A dor que não se compadece, é necessária sofrê-la, para apreciá-la no seu verdadeiro valor.

Na sua última existência, Raul teve a sua ciência completamente eclipsada, em comparação ao que tem sido em outras vidas. Na atual não passa de ser mais do que uma vulgar mediocridade.

A sua grande inteligência médica lhe fez sofrer extraordinariamente. Ele compreendia onde estava o remédio e sabia como aplicá-lo. Mas, ao chegar o momento decisivo para administrá-lo na doença teimosa, ele percebia que errava. A sua ação curativa não respondia ao impulso de seu pensamento.

Se isso já o desesperava com os doentes estranhos, seu desespero chegou ao ponto máximo, quando se viu impotente para salvar a sua neta, que era o amor de todos os seus amores.

Ele morreu como lhe era necessário morrer.

Humilhado, convicto de sua insignificância e de sua pequenez. Acreditava-se um deus e morreu persuadido de que não há deuses, que não existe mais do que um Deus.

Como o pecado do orgulho científico é, até certo ponto, perdoável, Raul por séculos é um sol no mundo da ciência. Hoje se encontra em muito bom estado, porque não perdeu nada de sua sabedoria e reconheceu uma grandeza superior à sua.

Ele descobriu uma ciência desconhecida, um poder maravilhoso, uma força que mantém a máquina do universo. Com tanta luz, com tanta magnificência, está diante de tantos mundos, onde ele presente que há grandes sábios, perguntando-lhe a Deus por que brilham os sóis, e por que seu fogo não queima o Universo. Ele se considera um dos muitos alunos, na grande universidade do infinito.

Reconhece-se grande e pequeno ao mesmo tempo, e o orgulho não o cegará novamente. Agora ele tem luz própria, mora no meio da luz, e com seu fluído luminoso envolve a sua neta, que é o amor de todos os seus amores.

Estuda detidamente este breve relato que eu fiz, da morte de um sábio orgulhoso. Não é o suficiente penetrar vitorioso no templo da ciência. É fundamental aprender a amar, e sentir compaixão. Você não pode subestimar o pária da sociedade, porque aquele ser abandonado tem um

Espírito, talvez mais avançado, que aquele do que acredita ser infalível pela sua sabedoria.

No simples fato de nascer, devemos considerar que os espíritos reencarnam na Terra para cumprir uma missão, seja de grande importância ou insignificante.

Todo homem merece respeito e devemos nos esforçar para protegê-lo e amá-lo. A ciência que não desce até o desamparado, receberá o castigo merecido, como você tem visto, no sábio Raul.

Adeus.

O Espírito Guia.

Reflexão

O Espírito está certo em dizer que é digno de profundo estudo a história da morte de um homem, que um dia acreditava ser um Deus, e tão pouco veio valorizar o seu corpo que parou de alimentar-se, convicto de que a sua permanência na Terra era completamente inútil.

Aberração fatal! Ainda poderia ter feito muito bem, ainda a sua ciência poderia ter espalhado consolo. Mas ele acreditava ser dono de si mesmo, e dispôs de sua vida, ignorando que cometia um crime, porque negou seus benefícios a muitos doentes.

Quão necessário é conhecer a vida após a morte! Se Raul soubesse, não teria sido entregue ao desespero, destruindo o seu corpo. Ao contrário, teria redobrado seus esforços para dar luz aos cegos, já que ele sabia do sofrimento diante uma desgraça irreparável.

Somente o estudo do Espiritismo nos tornará grandes no meio da dor. Sabendo que vivemos para sempre, vamos fazer o possível, para nos tornarmos melhor hoje do que ontem, e sermos amanhã os grandes benfeitores da humanidade.

2. O menino monstro

Um amigo nosso que mora atualmente em Mérida de Iucatã, no México, enviou-nos um pequeno obituário que nos impressionou tristemente. A tal ponto, que pedimos ao Espírito que nos guia em nossos trabalhos mediúnicos, se poderia nos dizer algo sobre aquele ser tão profundamente desgraçado, cuja existência tinha sido tão horrível.

E o nosso amigo invisível, quando viu que a nossa pergunta tinha como objetivo o estudo e o desejo de dar uma lição útil, deu alguns detalhes que transcrevo a seguir do escrito, onde se lê:

Relato

A natureza costuma fazer brincadeiras terríveis à humanidade.

Seja dentro do lar, como na vida pública, o gênio do mal costuma fazer sangrentos escárnios do homem. Este que é o rei da criação, a quem o Supremo Fazedor formou à sua imagem e semelhança, segundo a frase bíblica. Costuma precipitá-lo, desde o trono em que o colocou a natureza, aos últimos e sujos níveis da degradação.

Vimos indivíduos da espécie humana, em todos os degraus da escala social, a proceder como jamais se comportariam os animais mais estúpidos.

Tentem colocar a mão sobre qualquer pássaro recém-nascido, sobre a cria de qualquer quadrúpede ou de uma fera, e vocês verão como os pais avançarão desesperados. Ainda mais, se eles são incapazes de vingar ou defender seus filhos. E se estes ficam doentes ou estão perdidos, com que afeto e angustia os procuram, os cuidam e curam!

Então, temos visto pais, e o que é pior ainda, mães, que permanecem indiferentes e frias diante da agonia ou do cadáver de um filho. Algumas os abandonam e esquecem até o fim da vida, ao extremo de viver como se nunca os tivessem concebido e nutrido em seu ventre.

Temos visto pessoas que morrem em tais condições, mas, felizmente, isso não é comum na existência das sociedades.

Tão sombrias reflexões, sugerem-me o recente desenlace do seguinte drama. Nem por o protagonista ser humilde, nem por ter acontecido o fato na escuridão da pobreza, deixa de comover a todo espírito pensante e humanitário.

No dia 13 deste mês, deixou de sofrer para sempre, um homem que era conhecido na favela pelo nome de Arcádio Góngora.

Parece que há alguns trinta e dois anos perdeu completamente a razão, vítima de certa predisposição orgânica e biológica.

Naquela época, era um atraente moço de dezoito a vinte anos, cheio de vida e saúde. Infelizmente, sua loucura inofensiva e amena no início, logo se tornou hostil e perigosa. Assim, até o momento, foi necessário colocá-lo acorrentado numa cadeia a um poste, como um bicho do mato, para sua própria paz de espírito e da sua família.

Lá, ele teve a sua miserável comida e dali não se movimentou jamais. Nesse lugar morava como um bicho, e às vezes em piores condições do que isso.

Eu o conheci há dez anos, e ainda não apaguei, nem acredito que consiga retirar do meu pensamento, a impressão que produziu a sua presença em mim.

Sentou-se com o cotovelo direito no joelho, e a bochecha na palma da mão, numa pequena rede, que era todo o móvel do barraco sujo e arruinado onde ele morava. O barraco triste e isolado dos outros, era como de um pária ou de um pestilento.

Permanecia com um pé firmemente imprensado, entre um aro e o extremo de uma corrente de ferro, presa a um poste. Tinha os cabelos, as costeletas e a barba sem fazer e crescidas, caindo sobre os seus ombros. O peito e as costas sugeriam algumas facções de alguém que devia, em algum tempo, ter apresentado boa forma, mas que agora estava desfigurada.

Os negros e grandes olhos estavam quase pulando das suas órbitas, sua cueca e camisa nojenta e rasgada, mostrava em vários lugares a sua cabeluda pele. Ele parecia um selvagem ou um eremita perdido nas profundas sociedades da selva.

Falava sem parar, ora levantando, ora baixando a voz, mas numa linguagem inteligente e rápida.

Enquanto eu estava na soleira da porta, ele ergueu os olhos, fixou-os nos meus, com uma expressão que me fez retroceder, olhou para trás e procurou um objeto. De repente, ele abaixou-se, pegou uma pedra e atirou-a

violentamente em mim. Mas eu vi o movimento, e me escondi atrás da porta, que recebeu o golpe terrível. Se tivesse me atingido, com certeza, estaria ferido.

Vi-o por um momento com piedade sincera, e retirei-me com o coração pesado.

Desde esse dia até à sua morte, só voltei a vê-lo, duas ou três vezes mais.

Ninguém podia aproximar-se sem perigo, somente sua família miserável, formada apenas de mulheres, que sofreram penas cruéis para atender-lhe a subsistência.

Às vezes, quando eu estava passando perto do seu pequeno barraco, ouvia com emoção a sua primitiva e sonora voz, que ecoou nas altas e silenciosas horas da noite.

Vibrava até longa distância e pairava sobre a comunidade, enquanto todos dormiam. Elevava-se ao céu como um protesto doloroso, contra a sociedade que o abandonara, ou como uma misteriosa súplica impregnada de tristeza infinita.

Então eu me perguntava por que a justiça divina, não devolvia a razão para aquele coitado? Ou por que não fazia parar para sempre a sua terrível desgraça, retirando-lhe a vida muito pesada para ele, apesar de não ter consciência do seu estado?

Dizia-se que quase nunca dormia: o aniquilamento de suas forças obrigava-o a calar-se e render-se a breves momentos de descanso.

Em várias ocasiões, as pessoas caridosas tentaram enviá-lo ao hospital geral de Mérida, onde se não fosse curado, pelo menos estaria aseado e melhor atendido. Mas a sua família sempre se opôs e pediu que o deixassem, acreditando que por pior que ele pudesse tratá-lo, sempre seria melhor do que em mãos alheias.

Absurdo temor! Erro fatal, que prejudicou ainda mais ao infeliz demente! Finalmente, há algum tempo, ele foi atacado por uma doença na barriga, que o foi consumindo lentamente. Isso agravou a sua situação, até que partes do seu corpo foram antecipadamente devoradas por vermes.

No dia 13 do presente mês, a Providência Divina apiedou-se dele, colocando ponto final, aos seus sofrimentos terrenos. Tinha então, cinquenta e dois anos aproximadamente, e esteve demente durante trinta e dois.

Diz-se que antes de sua morte, a fugitiva razão cintilou sobre o seu espírito, como esses relâmpagos que rasgam fatídicos a escuridão profunda de uma noite de tempestade. Quando se desprendeu do seu mísero corpo, ele disse: “Venham, irmãos!” – exclamou lastimosamente, “finalmente chegou a hora da minha morte!”.

Quando a morte ocorre nesta forma ou semelhante, devemos pensar que é um voto de graça, em vez de lamentação. Nestes casos, a morte, longe de ser um mal, deve ser visto como uma dádiva benéfica.

Paz ao Espírito Arcádio Góngora! Descanse na mansão dos mártires.

F. Pérez Alcalá

Iucatã, México. 19 dezembro de 1882.

Comentário da médium

Como os nossos leitores vão entender, esta triste história abre espaço para reflexões sérias e dolorosas. Se não há efeito sem causa, a causa deste efeito deplorável deve ser horrível.

Infelizmente, não nos enganamos em nossos cálculos, pois o nosso amigo invisível, disse na sua comunicação o seguinte:

Psicografia

Grandes remorsos pairam sobre a velha Europa, que conquistou a ferro e fogo os países chamados de “Novo Mundo” e outros belo continentes. E grande parte de responsabilidade tem a Espanha, nessas lutas terríveis, nessas matanças fratricidas, em que sucumbiam tantos exploradores.

Os homens, que se chamam de civilizados, foram mais indômitos e mais selvagens do que os nativos. Eles foram mais desnaturados e mais brutais do que as mesmas feras.

Quantos crimes foram cometidos nessas terras distantes, nas suas florestas virgens! Quantas vítimas foram sacrificadas, em nome das mais pervertidas, desenfreadas e imundas paixões! Causa horror ler a história dos homens da Terra, que estão manchadas com todos os vícios, imersos na sensualidade e na perversidade.

Grandes expiações estão sofrendo, mas, tenha certeza que, se tivessem que pagar “olho por olho e dente por dente”, passariam os séculos como passam as diversas vidas.

Você chegaria quase a acreditar na eternidade das penas, ao ver a continuação dos incessantes martírios, apesar da intervenção da Misericórdia Divina.

Como as leis de Deus são imutáveis e devem ser cumpridas, necessariamente têm que sofrer todas as dores, todas as agonias que os homens fizeram aos outros padecerem, regozijando-se em seu tormento. A única vantagem que dispõem os seres ao expiar, é que a nenhum ser da criação, falta-lhe alguém que o queira.

Mente aquele que diz que está sozinho. Todos os homens estão acompanhados de alguma alma protetora, e se não tivessem ninguém, ainda assim, existe essa raça irracional muito amiga do homem. O cachorro, símbolo da fidelidade, que com um leve carinho, serve de guia, de companheiro, e participa das tristezas e alegrias.

Isso no mundo visível, mas fora da vida material, estão os Espíritos protetores, dando-lhe ânimo e resignação nas horas de sangrenta agonia. Ah! Se os homens estivessem sozinhos, como alguns dizem. O que seriam desses infelizes? Sem dúvida, cairiam atordoados, sobrecarregados diante da dor e solidão.

Quando o corpo é entregue ao descanso, se o seu espírito não encontra uma mão amiga para orientá-lo, ou uma voz amorosa que venha lhe perguntar: Aonde você vai, pobre exilado?

Você acha que os homens teriam força para reanimar o seu corpo, e começar o trabalho de um novo dia? Não. As necessidades da alma são as do amor e sem esse alimento essencialmente divino não podem viver, assim como as flores precisam do orvalho e os pássaros não vivem sem as suas asas.

Quando suas expiações lhes obrigam a carecer de família, de lar e de seres afins, então eles têm que permanecer numa doble prisão, separado dos seus semelhantes e com a sua razão escurecida.

O homem é um ser social por excelência, sente-se atraído para formar família. Como é membro da família universal, lembra a sua origem. Sem os laços do amor, da amizade, do parentesco, da simpatia, não pode viver, por isso não falta ser que o queira, visível ou invisível.

Então a criatura infeliz diz muitas vezes: gostaria de estar sempre dormindo, porque dormindo sou mais feliz, e assim, eu não me lembraria das minhas desgraças.

E na verdade, não é que não se lembra, pelo contrário, as vê com mais clareza. O que acontece é que as vê acompanhado por Espíritos amigos, que lhe incentivam, eles vêm a lhe fortalecer e lhe ajudar a carregar o peso da sua cruz.

Todos aqueles que se sentem deserdados na Terra, têm seus tutores no mundo espiritual, que cuidam da sua herança e guardam os seus tesouros, para quando forem dignos de possuí-los.

Existem alguns Espíritos tão depravados, por fazer tão mau uso do seu livre arbítrio, que a estes, necessariamente vai durar mais tempo à orfandade. Eles rejeitam com os seus desmandos, todo o amor e terno cuidado das almas que querem seu bem-estar.

A este nível de espírito, pertence o ser que tem tanto impressionado, com o sofrimento da sua última existência. Horrível, mas merecida, porque na criação, lembremos sempre, tudo é justo.

Esse Espírito, numa das suas anteriores encarnações, foi um dos aventureiros espanhóis, que foram às terras mexicanas para impor as suas tirânicas leis, reduzindo à escravidão as tribos guerreiras. Abusaram miseravelmente da inocência de suas mulheres, enriquecendo-se de um modo fabuloso, com a usurpação e a pilhagem, cometendo todo tipo de atrocidades, impondo sua vontade soberana sobre povos inteiros.

Ele tornou-se um tirano tão cruel, que a sua crueldade chegava raiar na fronteira do inverossímil. Parecia impossível que aquele homem, tivesse recebido a vida do hálito de Deus.

Se pudéssemos admitir duas potestades, uma do bem e outra do mal, por assim dizer, esse desgraçado seria o filho predileto do príncipe das trevas, tamanha era sua perversidade.

Brutal e libertino até a exageração. Os mais belos rapazes e moças tinham que aceder aos seus impudicos desejos, pois a sua excitação contínua foi o martírio dos seus miseráveis escravos.

Corajoso e destemido, cometia as mais arriscadas empresas, e somente lhe faltava coroar-se, possuindo Azora, uma virgem nativa, bela como as huríes do paraíso de Maomé, casta e pura como as virgens do céu cristão.

Azora era a simpatia de seu pai e seus irmãos. Sua grande família via nela, a escolhida do “Pai da Luz”, e todo mundo a respeitava, como um ser

privilegiado. Seus grandes olhos irradiavam um brilho celestial, e de sua boca saíam palavras proféticas, que os jovens e os anciãos escutavam com santo recolhimento.

Uma tarde reuniu ao seu povo e disse-lhes em triste voz: Grande e invisível desgraça cairá sobre nós. Aves de rapina vão espalhar suas asas negras e vão cobrir os nossos límpidos céus, de cinzentos nevoeiros.

Podem tremer companheiros. Não por nós que seremos as vítimas, mas pelos algozes implacáveis, que não ouvirão o nosso sofrimento. Vamos sair purificados pelo martírio! Mas, misericórdia pelos verdugos!

A jovem não estava enganada, naquela noite chegaram ao vale uma centena de aventureiros, liderados por Gonzalo. Eles estavam à procura de Azora, cuja peregrina beleza tinham-lhe informado, e desejava que fosse uma das suas infelizes concubinas.

A bela moça, para evitar o derramamento de sangue, suplicou a Gonzalo, que não levantasse suas tendas, que ela viria a segui-lo, mas que respeitasse a vida de seu pai e de seus irmãos.

Como Azora tinha extraordinária influência sobre todos os seres da Terra, Gonzalo também sentiu sua mágica influência, e por primeira vez, ele obedeceu ao mandato de uma mulher.

Azora tinha tomado prévias precauções e reuniu toda a sua gente em um grande conselho. Enquanto eles decidiam sobre o que deveriam fazer, a jovem foi ao encontro do inimigo, dizendo aos seus parentes, que iria entrar em oração para atrair sobre a sua cabeça os resplendores da luz eterna e que não atrapalhassem a sua meditação.

Como eles estavam acostumados com seus êxtases que duravam alguns dias, nada suspeitaram. Então, ela entregou-se como um bode expiatório ao seu algoz, impondo ao mesmo tempo, que as suas condições fossem respeitadas.

Gonzalo sentiu por Azora, tudo aquilo que aquele ser depravado poderia sentir, e ao querer manchar o rosto com os lábios impuros, a jovem detinha-o, com um gesto imperioso. Assim, ele ficava como petrificado, causando-lhe imenso espanto à sua timidez.

Os parentes de Azora, ao ficarem sabendo do que aconteceu, prometeram vingar a morte, a desonra da casta virgem consagrada ao “Pai da Luz”, mas eles ignoravam a mágica influência exercida pela jovem sobre o seu captor. Para eles, estava profanada a mulher consagrada aos mistérios divinos, e seu furor e sua raiva não tiveram limites.

Então marcharam, como procurando um animal em sua toca. Gonzalo ao vê-los, sentiu renascer todos os seus maus instintos, momentaneamente adormecidos pela influência mágica da bela moça.

Quebrou-se o encanto, e auxiliado pelos seus capangas, aprisionou aos sitiadores, que ficaram cruelmente amordaçados. Azora perdeu a razão, quando foi levada diante do seu pai, que era um ídolo para ela, ao vê-lo em cadeias e coberto de insetos vorazes, jogados sobre o seu corpo, para que o fossem devorando lentamente.

Diante daquele mártir do amor paternal, consumou Gonzalo a ação mais infame, a que mais poderia ferir ao pobre desgraçado, profanando o corpo da pobre louca, que cedeu aos seus impuros desejos, quando se apagou a luz, da sua claríssima inteligência.

Por muitos dias, o pai de Azora sofreu um martírio horrível, de ver sua filha nas mãos de Gonzalo, que se deliciava em atormentar a vítima, fazendo testemunhar atos que não podem ser descritos.

Finalmente Azora morreu. Gonzalo continuou insultando seu infeliz prisioneiro, jogando no seu calabouço a sujeira de seus cavalos, cuspidando no rosto e cometendo com aqueles defensores da honra, toda classe de abusos.

Depois de cruéis sofrimentos, o pai de Azora morreu. Seus filhos também pereceram e daquela tribo de valentes, não sobrou ninguém. Todos sucumbiram em poder de Gonzalo, que continuou a cometer infâmia após infâmia, até que um dos seus escravos o assassinou, enquanto dormia no leito, exausto por embriaguez.

Sua vida foi um tecido de crimes horríveis. Ele sentia prazer no mal e não lhe faltava inteligência para saber que o seu proceder era perverso.

No seu caminho, encontrou homens de coração que se propuseram a educá-lo, mas ele os desprezou. Por tudo isso, a sua expiação deve corresponder à gravidade de sua culpa. Ele já encarnou diferentes vezes, sendo a desgraça, seu patrimônio.

Fez tanta coisa errada! Sem que por isto lhe falte, em todas as suas existências, alguém que lhe queira. Azora, Espírito de luz, encoraja-o nas suas penosíssimas jornadas.

Ela foi até a Terra, na última vez, com o nobre propósito de iniciar a regeneração de Gonzalo. Mas a sua extrema sensibilidade não conseguiu resistir ao choque violento que recebeu quando viu o seu pai em tão lamentável estado. A prova foi além de suas forças, e como só Deus é

infallível, os Espíritos nem sempre sabem como medir a profundidade do abismo onde vão cair.

É muito diferente ver as misérias da Terra, a uma grande distância, do que viver entre elas. São muitos os Espíritos que sucumbem no meio das suas provações rudes e dos sacrifícios.

Nunca vamos nos cansar de dizer, que por mais criminoso que pareça um homem, não devemos corrigi-lo pela violência, que, muita desgraça já tem, devido à enormidade de seus crimes.

Onde existe maior desgraça do que no crime? Que inferno pode ser comparado com a série interminável de penosas encarnações, que têm que sofrer o Espírito rebelde inclinado ao mal? Em algumas encarnações, a loucura, em outras, a deformidade horrorosa, naquela outra, a miséria com todos os seus horrores e vergonhosas humilhações, em outras, sofrimentos que nos é impossível enumerar.

Porque para somar todas as dores que pode sentir o Espírito, não existem números suficientes nas suas tábuas aritméticas, para formar o total. A imaginação perde-se quando se quer definir uma quantidade fixa, para o infinito da vida, que nos envolve em absoluto.

Depois dessas encarnações horríveis, vêm essas existências lânguidas, tristes e solitárias. Nessas existências, a vida é uma decepção contínua.

O Espírito já se inclina para o bem, mas seu amor não encontra recompensa. As almas, aparentemente ingratas, olham com indiferença aos primeiros passos daquele pobre sofredor que querem amar, e não encontram em quem depositar o seu carinho.

Até mesmo as flores murcham com seu hálito antes de oferecer-lhe fragrância. Essas existências são muito dolorosas. Essa é a expiação sofrida atualmente pela maioria dos homens que estão na Terra. São Espíritos de longa história, semeados de horrores e crueldades.

Durante este período, é quando o homem precisa saber algo de sua vida, porque já tem conhecimento suficiente para compreender as vantagens do bem e os prejuízos do mal. Tudo chega no tempo certo, por isso nós chegamos, para despertar a atenção dos homens. Essa é a razão de acontecer os fenômenos mediúnicos de efeitos físicos diversos, movimentando mesas e objetos, mudando-os de lugar.

Estes fenômenos, que aconteceram em diferentes pontos da Terra, são as vozes dos Espíritos, porque era necessário que os homens

compreendessem que não estão sozinhos no mundo. Evitamos muitos suicídios e a muitas almas doentes temos devolvido a saúde.

A um grande número de sábios orgulhosos temos demonstrado que a ciência humana é um grão de areia em comparação à ciência universal infinita.

Realizaremos uma enorme revolução, porque chegou a hora do progresso para as novas gerações desse planeta.

O homem está começando a conhecer a verdade. Se agora a rejeita, é porque a luz o deslumbra, mas, finalmente vai acostumar-se com ela. Aumentaram o círculo da família da Terra, e verão nos Espíritos, os membros de sua família universal.

Vocês serão mais compassivos com os criminosos quando souberem que também vocês foram, e talvez amanhã voltem a ser.

Ao Espírito apegado ao mal, custa-lhe muito decidir-se ao bem. É como o neném que dá um passo e retrocede cinco, e anda repetidas vezes no mesmo caminho. Da mesma forma vocês agem, e assim também agem todos os Espíritos da criação, com diferença que alguns, têm mais decisão que outros, e mais valor para sofrer a penalidade que se impuseram.

Vocês que procuram em nossa comunicação saudável, um conselho e útil ensinamento, aproveitem as instruções do mundo maior. Sempre que estas marquem o caminho da virtude, e não bajulem seus vícios, nem patrocinem suas fraquezas.

Desconfiem sempre de todo Espírito que promete mundos de glória às pessoas, assim que deixam a Terra. Estudem a sua história, olhem para si sem paixão, e verão que a humanidade é muito atrasada. Ela é pequena, microscópica e cheia de defeitos.

Os humanos são ciumentos, vingativos, invejosos, gananciosos, amigos de si mesmos, mas não do seu próximo. Com uma túnica tão manchada, não esperem sentar-se à mesa do Pai.

Para isso, precisam cobrir-se com vestes brilhantes, e assim poder penetrar nas moradas onde a vida é isenta de sofrimentos, sem que por isto, os Espíritos deixem de entregar-se ao cultivo das ciências e ao trabalho nobre de investigação, porque eles sempre têm algo a mais para aprender.

Os Espíritos superiores vêm demonstrar que a alma nunca morre. Ensinar que o homem é responsável de si mesmo, de se premiar ou se castigar, e que as leis de Deus que regem a Natureza, são imutáveis.

Nós viemos para aconselhá-los, para fortalecê-los, ensiná-los a conhecer a harmonia universal, para contar a história de seus erros de ontem, por causa de seus infortúnios de hoje. Esta é a missão dos Espíritos superiores que estão perto do homem, estimulá-los para trabalhar, no cultivo de sua razão, que vai conduzi-los ao perfeito conhecimento de Deus.

Quando os homens compreendam que na Criação tudo é justo, então será quando adorarão a Deus em espírito e verdade. Louvarão o seu nome com Hosanas prometidas pelas religiões, que ainda não foram cantadas na Terra, pela raça humana.

As aves são as únicas que as entoam, quando cumprimentam ao astro do dia, em seu esplêndido aparecimento.

Lembrem-se sempre de que, não há lamento sem história, nem boa ação sem recompensa. Trabalhem no seu progresso, e quando vocês encontrarem um desses infelizes, como o Espírito que deu origem à nossa comunicação, sinta piedade dele, porque ainda o esperam horríveis sofrimentos, muitas existências dolorosas, nas quais a solidão será a sua herança.

Como já dissemos antes, o Espírito nunca está sozinho. Acontece na alma doente o que acontece com o homem, quando sai de uma doença grave. Na convalescência está tão delicado, tão impertinente, tão caprichoso, tão exigente, que toda a sua família tem que mimá-lo, acariciá-lo e prestar-lhe os mais ternos cuidados.

Isso mesmo exige o Espírito, quando deixa o caos dos erros e começa a sua reabilitação. Ele quer o amor da família, a simpatia dos amigos, a consideração social, e como não ganhara o que deseja, e como não o merece, não o tem.

Apesar de não faltar, um ser que lhes queira e lhes compadeça, isso não é o suficiente. Eles querem mais, correm desejosos atrás de um fantasma, que os homens chamam de felicidade e, como o judeu errante da lenda, atravessam o mundo, sem encontrar um posto hospitalar para seu descanso.

A maioria dos seres encarnados na Terra são doentes convalescentes, e somente nos Espíritos vão encontrar os médicos da alma, que vão acalmar a sua devoradora sede.

Vocês estão cansados e fatigados, têm fome e têm frio. Descansem um pouco, os seus amigos do outro lado da vida, querem fazer menos dolorosa

a sua jornada, lhes demonstrando com fatos inegáveis, que na vida infinita, tudo é justo.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Após o dito pelo Espírito Guia, o que posso manifestar?

Que concordamos com suas considerações razoáveis. Por dolorosa experiência, temos que conceder-lhe a razão e repetir com ele, que a Terra é um hospital de gerações doentes que estão passando à convalescência. Somente os espíritos de boas intenções podem conseguir, com seus bons conselhos, o nosso alívio e regeneração.

Com relação a nós, devemos ao estudo do Espiritismo, as mais puras alegrias da nossa vida. Nós ganhamos uma profunda resignação e uma convicção íntima de que ninguém tem mais do que merece. Esta certeza é a verdadeira, a única felicidade que pode ter o Espírito no meio de sua expiação.

Estudando a natureza, lendo esse livro infinito, admirando a precisão matemática com suas leis, trabalhando quanto nos é possível em nosso progresso, quando a solidão nos escurece, quando o desalento nos domina, olhamos para o céu e vemos nele os esplendores da eterna vida.

Assim dizemos: Na criação, tudo é justo!

3. O recém-nascido sem braços e sem pernas

Numa das preces que rezam os católicos romanos, chamam a este mundo “vale de lágrimas”. Eu acredito que é a melhor definição que pode ser feita, desta prisão do universo. Porque realmente, não existe nenhum ser, que possa vangloriar-se de dizer: sou feliz, em toda a acepção da palavra!

A maioria dos homens poderosos tem a costume de sofrer doenças incuráveis. Existem milionários nos Estados Unidos que apenas podem alimentar-se com copos de leite em curta quantidade. Outros não podem dormir porque se afogam, mesmo que possuam milhões de renda, este dinheiro não lhes proporciona o menor prazer, tornando-se assim os mais pobres.

Se alguns são fortes e robustos, carecem do mais indispensável para sustentar suas forças vitais. Eles observam as forças diminuírem na sua juventude plena, como uma lâmpada, desligando-se aos poucos.

Portanto, a felicidade é uma nuvem de fumaça que se dissolve, ao menor sopro do vento do furacão da vida, como se desfaz a névoa aos primeiros raios do sol. Mas no meio de tantas dores, existem distintos graus. Alguns são suportáveis e outros são irresistíveis.

Conversando há poucos dias com uma amiga, ela me diz o seguinte:

Relato

- Algum tempo atrás, eu fui a um reservatório de água, e lá encontrei uma família que nunca vou esquecer. Eram um belo casal, os dois jovens, amáveis e simpáticos, seus semblantes irradiavam alegria.

Os dois amavam-se com esse amor primeiro, que se assemelha a uma árvore florida, à espera de ser mais tarde um belo pomar de frutos maduros. Uniram-se por amor, somente por amor.

Ele era um funcionário modesto, ela uma humilde costureira. Eles se olharam e se amaram. Ao se amarem, uniram-se, e ao unirem-se para

receber a bênção, ele pensou na chegada de seu primeiro filho. Ela, contemplando o menino Jesus, pediu a Deus ter um filho tão belo como aquela figura angelical.

Um ano depois, o casal apaixonado sentiu-se dominado pela ansiedade mais viva e amorosa. Fazendo poupanças, eles conseguiram comprar todo o necessário para vestir a um recém-nascido: camisas pequenas com belas rendas, roupinhas brancas com finos bordados, chapeuzinhos belíssimos, os mais formosos e os mais delicados, tudo parecia pouco para o neném, que devia chegar pedindo beijos com os seus sorrisos.

Finalmente, chegou o momento supremo. Áurea sentiu as agudas dores do parto laborioso, e deu à luz a uma criança. Quis vê-la imediatamente. O marido e as pessoas ao seu redor estavam tristes e silenciosos. Todos pareciam que não a entendiam, olhavam-se uns aos outros e cochichavam, até que Áurea gritou alarmadíssima:

- Vocês não estão me ouvindo? Quero abraçar o meu filho! Ele está morto, talvez?

- Não, mas... - Respondeu o marido.

- Mas o quê? O que acontece?

- É que a criança não tem braços, nem pernas!

- Assim estará mais tempo nos meus braços. - Respondeu Áurea, abraçando o seu filho com ânsia delirante.

O neném era belíssimo, branco como a neve, com olhos azuis, com cabelos loiros abundantes, e seus grandes olhos tinham um olhar muito expressivo. Quando eu conheci o menino, ele devia ter oito ou dez meses e estava belíssimo.

A mãe era louca por ele, e o seu pai também. Mas o último, quando sua esposa estava fora do alcance da voz, dizia com profunda amargura: quanto desejava um filho, e veio um, sem braços e sem pernas!

- Como é injusto Deus! Se o meu filho fosse vir num lar rico entenderia, mas eu sou tão pobre!

Acredite em mim! Aquele menino vive na minha memória. O que terá sido dele em outra vida? Qual papel terá representado na história?

Comentário da médium

Eu vou perguntar, minha amiga, porque tua história me impressionou muito. Em verdade, noite e dia eu penso no menino. Quanto deve sofrer ao tornar-se adulto, ao não ter braços ou pernas! Que horror! E provavelmente será um ser de grande inteligência. Vai querer voar com o seu pensamento, e não terá mais escolha a não ser permanecer na inércia mais dolorosa.

Não é uma mera curiosidade que me guia, mas eu quero saber, se possível, a razão para esta terrível expiação.

Psicografia

“Pelo fruto conhecereis a árvore”, Jesus dizia, pois cada ser humano que você vê, carregado de cadeias desde o momento do nascimento, você pode deduzir sem a menor dúvida, que de tudo o que hoje falta, é porque abusou nas suas encarnações anteriores.

Se não tem pernas? Sinal que quando ele as tinha-as, serviram-lhe para fazer todo dano possível. Talvez fosse um espião que correu atrás de alguns infelizes, ansioso para acusá-los de crimes que não cometeram. Com as declarações, fez abortar transcendentais conspirações, que quando descobertas antes do tempo produziram muitas vítimas.

Talvez correu para precipitar em um abismo, a seres indefesos que lhe estorvavam em realizar iníquos planos. O ser humano que reencarna com as pernas em falta, tem que tê-las empregado para atormentar seus inimigos. Deve ter sido o flagelo das pessoas que o cercavam.

A falta de membros tão necessários destaca uma crueldade sem limites e um desejo em fazer o mal, impossível de descrever. Alguns instintos tão perversos atestam o prazer de fazer o mal pelo próprio mal. Coitado daquele que nasce sem pernas!

Não tem braços? As mãos são tão úteis à espécie humana, para fazer com elas, as obras de titãs e labores extremamente delicadas. Talvez fossem usadas para assinar as sentenças de morte, que levaram às inúmeras vítimas a forca, principalmente as inocentes.

Talvez tivesse prazer em apertar os parafusos de horríveis instrumentos de tortura, arrancando confissões de infelizes acusados, enlouquecidos pela dor. Quem sabe se escreveu calúnias horríveis, que destruíram a tranquilidade e o amor de famílias felizes!

Pode-se fazer tanto dano com as mãos! Com elas podemos colocar o pavio, perto dos materiais inflamáveis, e produzir o devorador incêndio. Com elas o forte estrangula o fraco. Com elas podemos esbofetear e tornar uma fera o homem mais pacífico e mais honrado. Com elas se destrói o trabalho de muitas gerações.

Eles são as auxiliares do homem, que fazem maravilhas ou aniquila o que existe. Quando se encarna na Terra sem as mãos, quanto dano deve ter sido feito com elas!

Não há necessidade de particularizar a história deste ou daquele. Todos os que ingressam na Terra, sem um corpo robusto e bem equilibrado, são os réus condenados à prisão perpétua, que vêm cumprir a pena, porque não há nenhum recurso contra a sentença que um mesmo assina, no transcurso da sua vida.

Não há juízes implacáveis, que neguem o perdão aos criminosos arrependidos. Não há maior juiz, que a consciência do homem. Poderá embriagar-se com fáceis triunfos de seus crimes, poderá não ter ouvidos para ouvir as maldições de suas vítimas, poderá fechar os olhos para não ver os quadros de desolação que ele produziu, e poderá estacionar-se milhões de séculos. Mas vai chegar um dia em que, a despeito de si mesmo, acorde e então ele vai ver, ouvir, reconhecer a sua pequenez. Ele mesmo vai chamar seu julgamento e sua sentença, sentença final. Sentença que vai cumprir hora a hora, dia a dia, sem que se exima do tormento por um segundo, porque tudo está sujeito a leis fixas e imutáveis.

Não duvides. Os criminosos de ontem são hoje aleijados, cegos, mudos, idiotas, pessoas sem pernas, sem mãos, os que padecem fome e sede, e são perseguidos pela justiça.

Vocês tem um ditado que diz: “Não confies nos homens que tem a mão aleijada por Deus”. A ideia é mal expressa, mas no fundo é uma grande verdade.

Se os homens olharem bem, verão que a maioria desses desgraçados revela no seu semblante, a degradação do seu Espírito.

A destra de Deus não imprimiu a ferocidade em seu rosto, é sim, o acúmulo de seus crimes. São seus maus e perversos instintos que endureceram as linhas de seu rosto.

Para esses prisioneiros, devem ter-se toda compaixão, por guiar-lhes pelo melhor caminho, como vocês fariam para com seus filhos. Eles são os mais necessitados, os mais aflitos.

No meio da maior abundância, não há para eles água na fonte, trigo nos campos, frutos nas árvores, calor no lar da família. São os judeus errantes da lenda, andam sempre sem encontrar uma pedra para se sentar.

É muito ruim ser mau!

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

É correto o que o Espírito Guia disse!

Se pelos frutos se conhece a árvore, é muito ruim ser mau!

4. A velhice de cento e cinquenta anos

Relato

Morreu em Belgoroff (Rússia), um mendigo com cento e cinquenta anos, cuja vida novelesca e interessante, tem episódios realmente fantásticos.

Este homem, chamado Andrés Basisikoff, começou a mendigar desde os quinze anos. Primeiro, ele fingiu ser aleijado, depois surdo, depois coxo e finalmente cego. Desde os sessenta anos em diante se fez de surdo-mudo quase perfeito.

Bem, em virtude de tais enganos, o bom Andrés Basisikoff, conseguiu reunir uma fortuna de vários milhares de rublos. Com esse dinheiro adquiriu três residências, que colocou no nome de um dos seus filhos, enquanto continuava pedindo esmola como qualquer mendigo. Ele viajava de uma cidade para outra, adquiria casa e carro para depois entregar aos seus filhos. Então começou a caminhar para outras cidades, onde continuou a sua vida de pedinte “afortunado”.

Ele morreu, como foi dito, aos cento e cinquenta anos. Deixa para os seus oito filhos uma fortuna, entre fazendas e dinheiro, de dois milhões de rublos.

Comentário da médium

A notícia que precede a estas linhas me chamou muitíssimo a atenção. Quando eu a li exclamei com sobressalto: que expiação tão longa, cento e cinquenta anos!

Que história terá este Espírito? Deve ter sido muito acidentada, e deve ter errado muito, para merecer tantos anos de tortura. Temos que admitir que, a vida pesa quando cumprimos doze lustros, aos 60 anos.

Por mais vigoroso que seja o organismo, começa a se deteriorar. Várias doenças anunciam a velhice, as ilusões da juventude são semelhantes às flores de um dia. Elas murcharam se são desfolhadas, permanecendo apenas, uma melancólica lembrança.

A vida sem ilusões não tem atrativos, não tem graça, é uma doença lenta, sem grandes crises, mas enfim, doença.

Pressentindo que o mendigo russo devesse ter uma triste história, eu perguntei ao guia espiritual dos meus trabalhos mediúnicos literários, se eu estava certa em acreditar que, a sua longa peregrinação sobre a Terra, era um castigo por suas culpas de anteriores existências, e o Espírito guia disse-me:

Psicografia

O presente é sempre consequência direta do passado, assim como o futuro é do presente. A vida é uma série de acontecimentos ligados estreitamente entre si. A vida é um novelo sem pontas soltas, por mais enrolados que estiverem os fios, eles nunca se soltam.

Seus nós, não precisam que se faça com eles, o que fez Alexandre, o Grande, quando cortou com a sua espada, o nó Górdio (*).

Esses nós da teia da vida, são de tal natureza, que mesmo que a violência queira quebrá-los, e às vezes, dá a impressão de consegui-lo, existem fios invisíveis tão resistentes, que estes não se separam, nem a morte consegue quebrá-los.

O Espírito livremente ou forçosamente vai quitando suas contas em inúmeras encarnações. De nada serve ser sábio ou ser considerado um verdadeiro destaque no mundo científico, se à ciência não se uniu ao sentimento, no estrito cumprimento do dever.

O grande entre os grandes retornou para a Terra e, como compensação, a cada um é dada a recompensa, segundo as suas obras.

Aquele que tem vivido recentemente, simulando defeitos físicos, brilhou nesse mundo, há muitos séculos atrás. No florescimento da Grécia,

viveu entre aquela plêiade de homens ilustres, destacando-se como Ataulfo, o materialista.

Ele procurou o segredo para prolongar a vida. Detestava a morte, e mais do que a morte, a velhice. Vivia dizendo que era humilhante e vergonhoso, deixar-se dominar pela decadência física, que a inteligência deveria servir para buscar remédios heroicos, para vencer a fraqueza orgânica, que o homem não devia resignar-se a morrer, como morrem os animais irracionais, imolados ante os deuses.

Ataulfo era mestre em muitas ciências, dedicou-se com seus discípulos a buscar remédio tônico para revigorar os corpos enfraquecidos pelo peso dos anos.

Ele, sem compreender então, sonhava com a vida eterna. Queria viver muitos séculos, e claro, como não compreendia que o espírito poderia viver desligado do seu corpo, colocou todo o seu esforço para fortalecer o seu organismo. Assim, criou várias fórmulas para renascer, como ele dizia.

Seus estudos e seus experimentos provocaram muitas vítimas, sacrificou muitas crianças inocentes, meigas e belas jovens. O velho precisava beber contadas gotas de sangue de uma virgem, misturado com uma pequena quantidade de pó humano, ou de ossos de crianças pulverizadas.

Ele cometeu muitos crimes naquela existência, mas os fez sem grande responsabilidade para si, porque ele não matou pelo prazer de matar, não tinha prazer no sofrimento das vítimas.

Evitava-lhes o sofrimento, e só queria encontrar uma maneira de permanecer com vida longos séculos. Segundo a sua teoria, se os homens conseguissem viver por muitos anos, adquirindo continuamente novos conhecimentos, a Terra seria um paraíso, porque cada homem a embelezaria com suas invenções e descobertas incessantes.

Ele sonhava, mais uma vez, com a verdade da vida. Não se contentava em ver a morte de um sábio, na flor da sua idade. Ele lamentava as energias perdidas, as iniciativas que foram paralisadas, e, a toda custa, queria lutar contra a morte. Amava a vida com verdadeira idolatria, tornou-se muito velho, não pelas misturas que tomou, mas por medidas higiênicas, a que se submeteu ao atingir a meia-idade. Foi um modelo de continência, regulou de forma admirável as suas horas de trabalho, de repouso absoluto e de meditação.

Ele vislumbrou a vida eterna, suspeitando de que havia um poder superior a todos, mas essa força não era do seu agrado. Ele queria ser grande por si só, era a personificação do orgulho, queria conquistar tudo pelo seu próprio esforço.

Quando se despreendeu do seu corpo, completamente inutilizável pelo enorme peso dos anos, seu espanto não teve limites. Ficou tão chocado ao ver o que nunca tinha sonhado: a vida do espírito separado do corpo. Se for possível usar uma frase, diríamos que, Ataulfo enlouqueceu ao encontrar a eternidade, com leis diferentes das que ele conhecia.

O sábio orgulhoso viu o quão pequeno ele era! Quando compreendeu que os séculos eram muito menos, do que segundos no relógio do tempo. Ele, que cometeu muitos assassinatos para prolongar a vida em poucos anos, encontrava-se cheio de vida, sem precisar daquele corpo, cuja conservação tinha-lhe feito cometer tantos abusos.

Logo que retornou a Terra, ansioso para novas descobertas, e chegou a penetrar vitorioso no templo da glória por suas invenções e descobertas, que visavam prolongar a vida do homem. Sem dores, sem perda de forças, mesmo não usando os meios anteriores de sacrificar crianças e virgens em prol da ciência.

Ele usou outros meios que causaram a ruína de muitas famílias. Para fazer longas viagens, ele aproveitou a riqueza de muitos, prometendo lucros enormes que nunca chegou a satisfazer, pois esquecia muito facilmente dos seus cooperadores. Seu orgulho o cegava e acreditava ainda, que lhes estava fazendo um grande favor ao despojá-los de seus bens, para buscar uma verdade científica, associando-os de alguma forma às suas gloriosas empresas.

Tornou-se muito sábio, deu a volta ao mundo quando as viagens eram quase impossíveis e difíceis de vencer. Mas o seu coração estava seco, as doçuras do amor lhe eram totalmente desconhecidas.

Aconteceu um dia que sentiu um frio na alma, encontrou-se no mundo espiritual muito só, com toda a sua ciência. Escutou as advertências do seu guia espiritual e, finalmente, convenceu-se de que a sabedoria sem o amor é como uma fonte sem água, como uma árvore cuja altura atinge o céu e não gera sombra, nem fruto. Reconheceu a grandeza de Deus, e com o desejo mais vivo de igualar a sua bondade com a sua ciência, iniciou uma série de existências expiatórias, muitas vezes morrendo na infância.

Aquele que sacrificou tantas pessoas inocentes, recentemente quis permanecer na Terra, o maior tempo possível em humilhação. No passado, o seu orgulho o cegou, e pensado que era maior do que toda a humanidade, então agora devolveu uma fração do que ele tinha roubado. Quando ele pedia dinheiro, não era para viver confortavelmente, mas para que viveram seus filhos, que tinham sido despojados de seus bens em outra encarnação, para satisfazer seus caprichos e sua vaidade.

O sábio de ontem, que tanto cuidou do seu organismo, na sua última existência, usou seu corpo para mentir, para enganar, para se aproveitar de um defeito aparente.

Quantas reflexões podem ser retiradas dos diversos usos que fez do seu corpo, o grande sábio de ontem!

Você tinha razões para acreditar que o Espírito do mendigo era possuidor de uma longa história! Quantos precipícios levam a ciência sem amor!

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Podemos aprender muito com a comunicação anterior!

Já dizia Victor Hugo: sem amor, o sol iria desligar-se. E eu digo que aquele que não ama, não vive.

(*) Nó Górdio

A provável lenda do nó górdio remonta ao século VIII a.C.

Conta-se que o rei da Frígia (Ásia Menor) morreu sem deixar herdeiro e que, ao ser consultado, o Oráculo anunciou que o sucessor chegaria à cidade num carro de bois. A profecia foi cumprida por um camponês, de nome Górdio, que foi coroado. Para não se esquecer de seu passado humilde ele colocou a carroça, com a qual ganhou a coroa, no templo coluna, nó este impossível de desatar e que por isso ficou famoso.

Górdio reinou por muito tempo e quando morreu, seu filho Midas assumiu o trono. Midas expandiu o império, porém, ao falecer não deixou herdeiros. O Oráculo foi ouvido novamente e declarou que quem desatasse o nó de Górdio dominaria toda a Ásia Menor.

Quinhentos anos se passaram sem ninguém conseguir realizar esse feito, até que em 334 a.C Alexandre, o Grande, ouviu essa lenda ao passar pela Frígia. Intrigado com a questão foi até o templo de Zeus observar o feito de Górdio. Após muito analisar, desembainhou sua espada e cortou o nó. Lenda ou não, o fato é que Alexandre se tornou senhor de toda a Ásia Menor poucos anos depois.

É daí também que deriva a expressão “cortar o nó górdio”, que significa resolver um problema complexo de maneira simples e eficaz.

Fonte: Wikipedia

5. A exploração de uma criança deforme

Relato

Uma história interessante: A exploração criminoso

Durante vários anos tem vagado pelas aldeias e vilarejos da França, um grupo de ciganos, que viviam de mostrar às pessoas um fenômeno muito raro.

Escondido numa gaveta, e através de um vidro, eles mostravam um menino selvagem, dizendo que ele não tinha nenhum dos membros inferiores e que falava uma língua estranha e bárbara.

Mas o menino não era nem monstro, nem selvagem, e a língua que falava era nem mais nem menos que o falado nas regiões da Galícia, no norte da Espanha.

O pobre rapaz, na verdade, era uma vítima da exploração dos ciganos.

Eles tinham amarrado firmemente as pernas da criança, numa disposição violenta e cruel, escondido por um fundo duplo na caixa, dando a impressão de carecer delas.

Como o menino espanhol tinha caído nas mãos dos ciganos?

Muito simples. Viajando o grupo nômade pela Galícia, quando viram o menino, enganaram aos pais, conseguindo que eles o cedessem, sob a promessa de reembolso após um ano. Os ciganos afirmaram que abonariam para a família, uma grande quantia de dinheiro ao devolver-lhes o rapaz.

Naquela época ele tinha mais ou menos seis anos, e a quadrilha errante o levou com ela, nas suas viagens pela Galícia, León, Logronho e Navarra, até que ingressaram na França.

No início, o rapaz foi tratado relativamente como um rei. Mas, fazendo jornadas terríveis, pois eram longas as viagens, ele ficava montado numa mula de grande altura, cujo lombo mal conseguia abranger com suas perninhas.

O resultado foi que depois de algum tempo dessa situação, à noite, quando desciam o menino, seus membros estavam doloridos e não podia andar.

Sem dúvida pensaram os ciganos, em inutilizar por completo as pernas do rapaz, amarrando-as, e aprisionando-as numa caixa de fundo duplo.

Dez anos fez a tortura do pequeno espanhol, com incidentes muito variados e sempre muito tristes. Sem saber uma palavra de francês, era incapaz de entender qualquer pessoa e contar para alguém a exploração que era vítima. Muito menos podia pensar fugir de seus algozes, pela posição em que se encontrava.

Finalmente, depois de dez anos, conseguiu ser entendido em francês, e aproveitando uma oportunidade favorável, pôde denunciar às autoridades a sua exploração e o seu martírio.

Foi assim que recobrou a sua liberdade. Mas a imobilidade e a posição forçada das pernas durante tanto tempo, tinha produzido no rapaz, uma singular forma de paraplegia. Foi necessário conduzi-lo ao hospital de Bordeaux, onde foi atendido.

Através da mediação do cônsul espanhol, foi trasladado para Espanha, e internado no hospital geral de Madrid, onde ficou sob os cuidados do doutor Jaime Vera, que acreditou na lenta cura do menino, por meio de um tratamento apropriado.

Comentário da médium

Com profundo sentimento li a anterior história, embora seja uma notícia muito antiga, pensei muito no protagonista de tão horrível história.

Sem dúvida, era um ser que errou muito. Nada mais triste do que ser ruim.

Uma vez que aquele que obra mal, se degrada. Com o mau pensamento, que precede à realização da obra maligna, o indivíduo torna-se ruim realizando o ato, e atrai depois, Espíritos perversos que tem prazer em atormentar.

É muito ruim ser mau!

Porque o criminoso não cai só no abismo, mas muitos outros caem com ele.

Desejando continuar meus estudos, lendo na humanidade, eu perguntei ao guia espiritual dos meus trabalhos mediúnicos, sobre o passado deste infeliz que viveu sem viver muitos anos, e recebi a seguinte comunicação:

Psicografia

“Pelo fruto conhecereis a árvore”, disse Jesus. Da mesma forma, pela existência de cada ser, é possível conhecer uma parte de sua história. Pelo menos a mais culminante, a que marcou época na sua vida.

O homem que hoje tem sido vítima da ganância, desses maus exploradores da humanidade, tem sido por muitos séculos, um sábio sem coração.

Os naturalistas e os médicos mais famosos fazem experiências com vários animais, inoculando o vírus de várias doenças que dizimam a humanidade. Estes animais morrem, submetidos a experiências científicas. A sua morte serve de útil ensinamento, para evitar mais tarde, a tortura de homens atacados de similar doença.

Assim, o menino martirizado, ao que chamaremos de Ascanho, em sucessivas existências fez diversas experimentações.

Ascanho estudava se a inteligência humana teria melhor desenvolvimento, num corpo saudável e forte, ou num corpo sofrendo a paralisia dos seus membros inferiores. Portanto, ele deixou a muitos homens condenados a um silêncio forçado.

Ascanho, durante muito tempo, foi possuidor de bens de fortuna. Teve grande número de escravos e nos filhos de seus servos, naqueles que apresentavam uma cabeça inteligente, bem equilibrada, fixou sua atenção e começou seus estudos cruéis.

Alguns foram amputados nas pernas, a outros foram pressionados entre moldes de ferro, em outros lhes produzia feridas incuráveis.

A todos lhes ensinava a ler, escrever, pintar, a modelar o barro e a cantar.

Ele dedicava maior atenção às crianças que exibissem maior intelecto. Ao mesmo tempo, educava de igual jeito a outras crianças saudáveis e robustas e, portanto, notava a diferença que existiam entre elas.

Ascanho tratou aos infelizes, que eram submetidos aos seus extraviados estudos, à mesma forma ou pior, do que os médicos tratam os

pequenos bichos. Não desfrutava de vê-los sofrer, isso não, mas pouco se importava com os seus gritos de angústia.

O que ele queria, era observar se a inteligência necessitava do pleno uso, de todo o seu corpo para funcionar e elevar-se, ou se era suficiente, impressionar-se com a beleza da natureza com todas as suas harmonias.

Ascanho procurou, sem que ele soubesse, a vida independente do espírito. Naquela época, ainda não era conhecido o aforismo: “mente sã em corpo são”, nem teria servido para os estudos do pesquisador. Ele procurava algo que pressentia que adivinhava, mas não achava em torno dele.

Procurava inteligências que funcionassem independentes do corpo. Por essa razão, esmagava os organismos das crianças. Ao mesmo tempo, tratava de aplicar nos pequenos corpinhos o remédio para o mal causado. Queria ver como respondia a inteligência, se batia as suas asas para a terra, ou se se elevaria, como as águias procurando a imensidão do infinito.

Assim como nos dias atuais, ainda há homens que retiram os olhos de certas aves, porque dizem que estando cegas cantam muito melhor. Desse jeito, Ascanho mutilava aos seus coitados escravos, para ver se a falta de pernas fluiria melhor o seu pensamento.

Aristóteles dizia que os escravos eram uma propriedade animada. Ascanho acreditava que era assim, e martirizou muitas crianças, porque era um sábio sem coração.

Não desfrutou o mal causado, mas como causou muitas dores, justo é que, em seu próprio corpo, sofra mais de uma vez, os tormentos que ele fez sofrer.

Mas não pensem que, porque ele encarnou obrigado a sofrer o que fez sofrer a outros, os seus algozes sejam menos culpados. Eu já disse muitas vezes, que o papel do algoz, nunca é preciso representá-lo. Todo mundo é seu próprio algoz, quando sua expiação deve ser cumprida.

Você só tem que olhar e ver como é verdade o que te digo.

Muitos homens têm o suficiente para ser relativamente felizes, mas se não merecem sê-lo, não o são. Eles são dominados pelo vício que mais lhes pode prejudicar, ou estão unidos a uma família que sem ser má, lhes mortifica, lhes contradiz e lhes exaspera.

Há muitas pessoas que dizem: Melhor teria sido viver num orfanato!

Ter família é uma verdadeira calamidade. Cada um carrega em si, todos os processos judiciais necessários para pagar uma causa. Cada um é o

promotor que acusa e o advogado de defesa, o juiz que profere a sentença e o carrasco que executa. O homem leva tudo o que traz consigo.

Deus, em sua infinita justiça, não poderia criar seres para que sejam odiosos e repugnantes, as suas leis são imutáveis e eternas. Assim como as crianças brincam com seus brinquedos, os homens brincam com as leis divinas. Estas duram e permanecem até que um sopro, do que vocês chamam de morte, as desfaz.

Quantos juízes, verdadeiros criminosos que ficavam contentes e satisfeitos das suas crueldades, lançam gritos de angústia, se são cercados por suas vítimas. Caem como atingidos por um raio. Todo o seu poder, toda a sua autoridade, vai a esconder-se num túmulo, que será talvez de mármore e jasper, mas túmulo finalmente.

Será um depósito de vermes que devoram aquele corpo, movido apenas para produzir o extermínio!

Eu vou repetir uma centena de vezes: não deixem de compadecer-se dos agressores e das vítimas. Os primeiros porque se preparam para ser abatidos amanhã, e os segundos porque eles foram os semeadores da má semente, cuja colheita está sendo coletada e regada por suas lágrimas.

Amem e se compadeçam, porque as vítimas e os algozes precisam de amor e compaixão.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Muito pode ser aprendido com estas instruções verdadeiramente racionais, despojado de todo o misticismo!

Como estão em harmonia com o meu pensamento! Eu sempre acreditei que Deus está além das nossas misérias e as nossas besteiras.

Quando os homens dizem: “Deus castiga seus filhos rebeldes e beneficia aos justos”, acho que profanam a grandeza divina. Eu considero Deus como a “Alma do Universo”, que irradia luz nos mundos, e não como um professor chato da escola observando as ações de seus discípulos.

Eu adoro Deus na natureza, mas não tremo em sua ira, nem confio na sua misericórdia. Deus é justo, imutável, eterno, superior a todas as

piedades e a todas as compaixões. Não precisa ser tolerante porque é justo.

A lei de amor tem de ser cumprida, e quando se cumpra a lei de Deus, vai ser para sempre, o dia da felicidade universal.

6. Os mendigos ricos

Olhando nos jornais, eu li uma notícia que vivamente chamou minha atenção.

Relato

Trabalho de Mendigo

Há poucos dias foi levado pela funerária, um indivíduo que se dedicava a implorar a caridade pública, e tinha em seu poder sete mil pesetas, em moedas e notas.

Ontem à noite, foi levada para o asilo, uma mulher esfarrapada e sem-teto, a qual encontraram bens no seu nome, no valor de oito mil pesetas.

Comentário da médium

Que história tão horrível devem ter esses dois seres!

Têm que sair por ai, carregados de ouro, mendigando o suplício de Tântalo (*), que segundo a história mitológica, foi lançado ao inferno, sofrendo um castigo horrível. Tinha que permanecer no meio de um lago, cuja água chegava até a barba e escapava da sua boca cada vez que, possuído de uma sede ardente, queria bebê-la.

Ao estar rodeado de árvores frutíferas, vivia o tempo todo devorado pela fome, pois os ramos se elevavam até o céu, cada vez que colocava a mão nelas para colher os frutos.

Além disso, esses dois desgraçados levavam com eles a água e a fruta madura, e estavam morrendo de sede e de fome. O que teriam feito no passado?

O Espírito guia me disse o seguinte:

Psicografia

O que eles fizeram? Faltaram às leis divinas e humanas, e hoje colhem a safra da semente, que em mal tempo semearam.

O mendigo que hoje implora a caridade pública, em uma de suas passadas existências foi o prior de uma comunidade religiosa imensamente rica. O convento foi localizado na zona rural, cercado de muitas aldeias. Os habitantes foram obrigados a dar ao prior do convento, a prévia dos frutos amadurecidos e abundantes de todas as suas colheitas e o melhor dos seus gados. Coitado de quem não fizesse! Era excomungado e ameaçado com a punição eterna do inferno.

Aqueles infelizes, verdadeiramente assustados, para não cair em pecado mortal, ofereciam humildemente, tudo quanto possuíam para alcançar a glória eterna. Acreditavam nas promessas que lhes fazia o prior, e sempre lhe levavam o melhor das suas fazendas.

Abusou do seu poder, como o homem cuja ganância não conhece limites. Tanto assim, que se tornou no flagelo daqueles pobres seres ingênuos e simples, que o consideravam como um verdadeiro santo.

Mas tudo tem seu término, e, finalmente o prior deixou a Terra, deixando nela muitos bens. Ao entrar no mundo espiritual, viu-se tão pobre, que não tinha um átomo de virtudes.

Só tinha nele mais que vícios, e vícios incorrigíveis. A pesar que, o seu guia espiritual lhe apresentou os erros cometidos que ele viveu, e indicou que era necessário refazer o caminho recorrido, voltou à Terra várias vezes, sempre ávido por dinheiro, e mesmo que a sua expiação, não lhe permita desfrutar de suas riquezas, ele sempre tenta guardar tesouros.

Ele vai reencarnando na Terra, sem nunca ter casa, nem lar e sempre temeroso de que a justiça lhe arrebathe os valores que consegue possuir. Às vezes pedindo esmola, outras vezes por meio do roubo ou da fraude, mas sempre vivendo do modo mais miserável.

Leva assim já várias existências e faltam muitas ainda, porque ele bem conhece o mal que fez. Mas o ouro é para ele a cobra que se enrola em torno do seu pescoço e não o deixa respirar.

Fez tanto estrago pela aquisição do ouro, que o ouro é seu algoz.

Infeliz! Tem piedade dos mendigos que entre seus farrapos levam a água e a fruta madura, que não sacia a sua sede, nem a sua fome!

Quanto a mendiga que era dona de uma pequena fortuna, ela começou na atual existência a pagar o saldo da sua conta. Na sua encarnação anterior era uma moça muito bela, filha do povo que sonhava em ser uma grande senhora. Ela conheceu um idoso milionário e usou todos os artifícios para seduzi-lo. Era tão simpática, convidativa, amorosa e expressiva, que capturou completamente o carinho do ancião, e ele dotou-a de bens esplendidamente.

Mas ela não se contentou com isso, conseguiu que ele fizesse o testamento, deixando-lhe sua grande fortuna. Depois, em sinal de gratidão, temendo que ele se arrependa da sua obra, comprou por um bom preço, um médico tão pobre de bens materiais como de sentimentos humanitários. O médico deu-lhe um veneno que lentamente o deixou quase morto, sem deixar sinais visíveis no paciente, que estava languidescendo, perdendo a lucidez de seu intelecto.

Nesse estado, levou o doente para viajar, e longe de seu país, abandonou-o num hotel, deixando-lhe uma carteira com alguns valores. Mas como o ancião estava um completo idiota, nada conseguia explicar ou dizer, e assim, foi internado num asilo destinado aos octogenários, onde morreu sem perceber nada.

Ela, por sua vez, voltou para sua terra natal, onde encontrou o início da sua punição. A família do milionário entrou em litígio e a justiça devorou o fruto de seu crime.

Morreu um pouco menos que na indignância, e quando chegou ao mundo espiritual encontrou a sua vítima, que generosamente a perdoou e aconselhou-a a não seguir no caminho tomado. Atendendo ao pedido, ela resolveu saldar suas enormes contas, porque não era a primeira vez que fazia tais abusos.

Ela seguiu o conselho, e nessa existência tem encontrado meios para possuir um punhado de ouro, mas não o desfruta, não lhe serve para nada útil. É escrava de umas quantas moedas e vive sem viver, porque ela não merece viver em paz. Por pagar com tanta ingratidão a generosidade e o afeto verdadeiramente paternal oferecido pelo seu protetor, que era uma alma extraordinariamente elevada.

Você tinha razão ao dizer que muito se deve ter errado, quando se vive de esmolas, e se carrega consigo o suficiente para satisfazer as primeiras necessidades da vida, sem poder usufruí-las.

Compreendam a esses infelizes que sofrem a pior das sentenças.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Na verdade, morar sem-teto, sentindo a falta de tudo e guardar diligentemente o que poderia salvá-lo do sofrimento, é ser algoz de si mesmo. Por isso devemos viver dentro da estrita moral, para não qualificarmos como os excluídos, os párias pelos que ninguém se importa, morando nas sombras, aqui e ali.

Como isso é verdade, dizer que na culpa está o castigo!

() Tântalo*

*Na mitologia grega, **Tântalo** foi um mitológico rei da Frígia ou da Lídia, casado com Dione. Ele era filho de Zeus e da princesa Plota.*

Certa vez, ousando testar a onisciência dos deuses, roubou os manjares divinos e serviu-lhes a carne do próprio filho Pélope num festim.

Como castigo foi lançado ao Tártaro, onde, num vale abundante em vegetação e água, foi sentenciado a não poder saciar sua fome e sede, visto que, ao aproximar-se da água, esta escoava e ao erguer-se para colher os frutos das árvores, os ramos se moviam para longe de seu alcance sob a força do vento.

*A expressão **suplício de Tântalo** refere-se ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável, a exemplo do ditado popular “Tão perto e, ainda assim, tão longe”.*

Fonte: Wikipedia

7. O crime de um louco obsidiado

Estou recebendo continuamente cartas, pedindo-me para perguntar aos Espíritos, o porquê de muitos acontecimentos realmente interessantes, e muitas vezes, terríveis.

Eu não posso sempre agradar aos meus amigos ou irmãos. Às vezes, porque não quero abusar das comunicações para conservar o que eu preciso, que é a comunicação para meus trabalhos literários. Eu quero que os Espíritos não vejam em mim, um ser impertinente, feito para satisfazer a curiosidade da ignorância.

Não! Quando interrogo aos Espíritos é para aproveitar as suas histórias e trasladá-las ao papel divulgando-as na imprensa espírita. Por isso, o meu trabalho é realmente produtivo, porque há muitos que leem meus escritos e aprendem com eles, em saber sofrer e saber esperar.

Outras vezes, eu tenho que dar o silêncio como resposta, porque o guia espiritual dos meus trabalhos literários me diz, simplesmente, que nem sempre se pode aproximar do fogo, metaforicamente falando.

Há Espíritos cuja história é tão terrível, e tanta a sua inferioridade e degradação, que estão envoltos em névoa espessa. Seu fluído, não vamos dizer que resulte em morte, mas produz um mal-estar indefinível, uma angústia sem nome.

De fato deve ser, porque na Terra, eu experimentei sensações muito dolorosas quando, por acaso, eu tive que ir a certos lugares onde se reuniam seres inferiores, ou cruzava por ruas, cuja vizinhança estava composta de mulheres perdidas e homens degradados.

Que cansaço! Que ansiedade! Que nojo! Eu acredito que os Espíritos também devem sentir náuseas, quando encontram em seu caminho, um ser ou seres malvados.

Pode, após a primeira impressão, dominar-se e sentir compaixão pelos culpados, mas no começo, rejeita-se com horror a tais seres inferiores.

Lembro-me perfeitamente que há muitos anos, visitei a prisão de Barcelona. Acompanhava-me o carcereiro e um escrivão. Quando chegamos ao pátio da prisão, eu me detive em frente a um portão, fiquei

horrorizada ao ver aquele enxame de homens miseráveis. Muitos deles seminus que vieram até a grade a pedir cigarros, sorrindo estupidamente.

Que cabeças tão deprimidas! Que gestos! Virei minha cabeça e murmurei com amargura, dirigindo-me ao carcereiro: Estes seres são homens?

- Bem, olhe para um prisioneiro que eu vou apresentar-lhe, para ver qual sensação experimenta.

Continuamos caminhando e entramos numa cozinha muito limpa. Todos os utensílios eram bem colocados, e as panelas de cobre brilhavam como se tivessem um revestimento de ouro. Um homem baixinho e gordo estava afiando uma faca. Ao ver o prefeito parou sorrindo timidamente.

Eu olhei, e experimentei uma sensação muito dolorosa, parecia que colocavam por todo o meu corpo, afiados espinhos e que martelos quentes, batiam minhas têmporas.

O prefeito, sem duvidar, falou com ele. Perguntou-lhe várias questões para que eu tivesse tempo em contemplar, mas eu me senti tão mal, que saí da cozinha prontamente pedindo água, porque estava me afogando. Então com curiosidade viva, disse ao prefeito:

- O que fez esse homem? Por que está aqui?

- Porque ele estuprou as suas três filhas, e todas as três tiveram um filho, ele é o pai e avô. Queria estrangulá-las, mas as três crianças foram salvas. Agora, ele deverá ser transferido para outro presídio dentro de alguns dias.

- Que horror! Agora entendo porque eu não podia estar perto desse homem.

O mesmo que acontece com os criminosos na Terra, deve acontecer com os criminosos do mundo espiritual.

O que eu sei é que me são feitas perguntas às quais não posso responder, porque, como diz meu guia espiritual: “você sofreria muito, o melhor é deixar que os mortos enterrassem aos seus mortos”.

Relato

Há pouco tempo eu recebi a notícia de uma tragédia, e fiquei muito interessada em saber sobre o começo desse drama, acontecido no Hospício de San Hipólito, no México.

Nesta casa de saúde entrou em setembro de 1884, um doente chamado Ambrosio Sásamo.

Os médicos disseram que ele teve intoxicação pela maconha, com mania impulsiva e homicida. De forte constituição física, ótima musculatura, com uma força hercúlea, ele dominava, sem qualquer exagero, a três homens.

Ele pertence a uma família de neuropatas. Sua mãe é uma histérica, o pai um neurastênico, e o filho mais velho do casal também era doente.

Ambrósio colocou-se o apelido de “o deus da Terra”, e no hospital tornou-se famoso pela sua ferocidade. Batia-se brutalmente, rasgava as roupas e gritava: Ninguém é como eu?

Recentemente, entrou no hospital Antônio Marrom, jovem doente, mas não de loucura. Por um descuido inexplicável, Marrom entrou no pátio onde passeava Ambrósio, vestindo uma camisa de força, acompanhado por dois guardas.

Mas eles foram chamados por alguém, e o louco ficou sozinho com Marrom, que deve ter dito: dá-me a liberdade.

Marrom deve ter desamarrado os laços que prendiam o espartilho, deixando o louco solto. Agora dono da área, sem perda de tempo, o doente colocou a camisa em Marrom, pegou pelos braços e levou-o à sua cela, fechou a porta e ficou sozinho com sua vítima.

Ninguém pode saber como aconteceu o terrível drama na escuridão da cela. Mas os gritos dos outros loucos chamaram a atenção dos guardas. Horrorizados, eles viram Marrom deitado no chão com a camisa de força e os pés amarrados.

O louco forcejava de joelhos frente ao cadáver, para extrair um enorme prego, que ele mesmo, tinha incrustado por quarta vez no crânio de Marrom.

Com tal força o louco bateu, que perfurou o crânio do infeliz Marrom, até penetrar no pavimento.

Seguraram ao louco num interrogatório, dizendo-lhe:

- Você matou um homem?

- Sim, senhor.

- Por quê?

- Porque vocês me amarraram, e estou cansado desta vida. Eu quero ser levado para outro hospital.

- Mas você está aqui porque está doente.

- Eu não estou doente.
- Sim, você é louco.
- Não, senhor. Não, senhor.
- Por que você é tão ruim?
- Porque estou amarrado.
- Se você fosse solto, você seria bom?
- Sim, senhor. Sim, senhor.

Muito mais longa e mais explícita é a notícia publicada no jornal “El Imperial”, do México, do dia 8 de junho passado. Mas com este resumo é suficiente para termos uma ideia do terrível fato que aconteceu no Manicômio “San Hipólito”.

Comentário da médium

Desenlace de uma história de crimes deve ser a morte do infeliz Marrom, que, por uma série de circunstâncias inexplicáveis, tinha que estar à mercê de um louco terrível. Ainda mais, um louco que nunca passeava sozinho, já que sempre era acompanhado por dois guardas.

Não é por acaso que aconteça o que aconteceu.

Que um jovem muito bem recomendado por seu irmão para o diretor do hospital, que pagou generosamente a sua pensão porque era muito rico, estar naquele pátio destinado exclusivamente para entretenimento dos loucos.

Que tendo herdado os dois irmãos, ultimamente uma grande fortuna, entrar no pátio, precisamente quando os dois guardas o deixavam sozinho.

Que o louco confiante que não poderia usar seus braços, possa mandar ao lúcido Marrom desamarrá-lo.

Que ele venha a obedecer, e que com uma velocidade extraordinária, venha a acontecer esta terrível tragédia.

Isto não pode ser casualidade, aqui há uma causalidade espantosa.

Não se morre atormentado tão cruelmente, sem antes ter cometido um delito semelhante. Quando Marrom teria cometido o crime? Em que época? A sombra dos séculos tinha eliminado as páginas escritas num livro, cujas folhas se foram.

Inútil pergunta! Os fatos dos homens não se apagam jamais. No quadro do infinito estão escritas todas as quantidades dos nossos vícios, dos nossos

abusos, dos nossos crimes. Aquelas cifras indeléveis estão esperando pela lei de Deus para fazer a soma total.

Mas Deus não as somará de vez, porque uma só soma significaria a perfeição absoluta de um Espírito e a perfeição absoluta, só Deus possui.

Psicografia

Você está certa! Sempre os homens vão ter no mundo, assim como os Espíritos no além, um céu a mais para subir e um abismo a mais para descer.

O progresso não tem limites, o tempo não tem fim. Os Espíritos são os exploradores eternos, os trabalhadores incansáveis, os mineiros do universo e os aeronautas da Criação.

O dia da vida universal não se detém, e a noite do repouso não existe.

Agora, nessa história das humanidades, onde a primeira folha não se sabe ao certo, em que época foi escrita, existem aos montes episódios terríveis, do mesmo jeito que existem os mais belos romances.

Cada Espírito é dono de usar seu tempo, segundo as suas aspirações e os seus desejos. Entrega-se a toda classe de excessos, mortificando umas vezes sua carne e outras vezes, degradando a sua inteligência.

Você está certa ao dizer que o epílogo dessa história, como você chama o incidente que aconteceu num manicômio, é resultado de um drama.

Muitos tomaram parte nele e há tempo que vêm lutando juntos!

Quatro são os atores que desempenharam o seu papel nessa cena final.

Três que estavam encarnados na Terra e um desencarnado, no outro lado da vida. Vou mostrar, em breves linhas, um capítulo da história desses desventurados.

Você não está em condições de penetrar profundamente, na vida íntima desses quatro seres, que ganharam grandes responsabilidades, deixando-se dominar por suas selvagens paixões.

Numa existência vivida não muito longe, o que hoje apelida-se “o deus da Terra”, era um homem feroz e indomável. Para satisfazer os seus libertinos desejos, maculou a honra de muitas mulheres. Matou a traição e a face, a mais de um marido burlado, a mais de um pai desesperado pela desonra de sua filha, segundo as chances que ele tivesse.

Entre os homens que morreram por suas mãos, existiu um conde, que precisava lavar sua honra pela morte da sua esposa e da sua única filha. Ambas, desonradas pelo assassino “deus da Terra”.

O conde jurou ao morrer, perseguir eternamente ao homem que tinha-lhe roubado a sua felicidade. Desde que, Ambrósio encarnou na Terra, seu inimigo prendeu-o e ainda até hoje, não o tem deixado solto.

Você diz que para morrer tão cruelmente atormentado, deve ter sido cometido um crime parecido, e você está certa ao afirmar isso.

O jovem Marrom, que morreu, com o crânio perfurado, na encarnação anterior não cometeu por sua mão tal delito. Mas ele presenciou alegremente tal martírio, que sofreu um guerreiro vencido por sua deslealdade e traição.

O executor de tal crime foi o Espírito do conde, que jurou não abandonar nunca a Ambrósio, que hoje se chama “deus da Terra”.

Une a esses três Espíritos uma série de crimes, cujos elos foram forjando em diferentes encarnações.

Marrom, o morto de hoje, que aparenta ser inocente, tem muitas páginas escritas com sangue, no livro da sua história. O Espírito do conde, que hoje obsessa ao “deus da Terra” vingou-se do matador e da vítima, pois os dois lhe roubaram em outro tempo, a honra, a fortuna e a felicidade.

Até o irmão de Marrom, a vítima de hoje, tem contribuído para a realização da tal vingança, levando o coitado doente ao hospital onde deveria morrer, pois foi ele quem abriu a porta de tão triste lugar.

Em outro tempo, em outra encarnação, ele foi o governador de uma fortaleza, onde gemiam os prisioneiros e as prisioneiras por mandato religioso. Pobres mulheres infelizes que não queriam abjurar da sua religião e queriam, ao mesmo tempo, conservar a sua virgindade.

Estas infelizes tinham que ceder as ameaças de homens ricos, que penetravam nas suas celas, embriagados e enlouquecidos.

O governador foi cúmplice de tão infames atrocidades, deixando entrar vários magnatas. E um deles era Marrom, que hoje morreu pelas mãos do “deus da Terra”.

Nessa encarnação, abriu as portas das celas da fortaleza, para que Marrom saciasse os seus brutais apetites, desonrando a mulheres indefesas. Na atual encarnação, abriu-lhe as portas de um hospital, para que ele morresse como fez morrer a outros, com o crânio perfurado.

Ele riu-se ontem, dos momentos que passavam as vítimas ao morrer. Gostava dos sofrimentos, e o executor daquela horrível morte, hoje levantou o braço de quem acham que é louco, vingando-se dos dois.

Todos eles tinham escrito a sentença realizada hoje. Então estava escrito? Você pergunta. Sim, já estava escrito, mas não pelo destino, estava escrito por uma série de crimes cometidos por todos eles.

Ambrósio, que passa por louco, na verdade não o é. Ele é vítima do Espírito do conde, seu inimigo invisível. Poderá a ciência garantir que pertence a uma família de desequilibrados, mas ele mesmo não é.

Tem horas, tem dias, tem noites que Ambrósio vê claro, muito claro, e diz: Eu não sou louco! Não! Eu não estou! Eu sinto que por minhas veias corre chumbo derretido, sinto que o meu cérebro explode, que umas mãos de ferro me oprimem a garganta. Sinto que tenho sede de sangue, e ao mesmo tempo, gostaria de fugir para longe, muito longe daqui, para viver em paz nos braços de uma mulher amada.

Compadeçam as vítimas, dos seus inimigos invisíveis. Elas sofrem o mais horrível de todas as torturas. Lutam com verdadeiros titãs, cuja força é tão poderosa, que o homem mais forte da Terra cai vencido.

Eu entendo que você sofre, relatando tantos horrores, mas tudo é útil. Bem como os anatomistas fazem a autópsia nos corpos inertes, para estudar as doenças e os defeitos orgânicos, que tanto atormentam a maioria dos homens, também é conveniente falar do invisível, do desconhecido.

Não se olha através do telescópio o gigantesco espaço, onde navegam inúmeros sóis? Os mistérios da vida após a morte, também merecem ser estudados. Porque viver sem conhecer o desconhecido é viver cegamente, praticando crimes sem remorso.

Já é o tempo para que os homens saibam que o inferno e o céu existem. Que não ficam nem acima, nem embaixo, e sim, que os levamos em nós mesmos.

Que cada Espírito constitui seu paraíso e seu inferno.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Bem disse o Espírito Guia: é útil levantar o véu que cobre a vida do passado.

Na verdade, sofre-se delatando crimes, mas as feridas do corpo cicatrizam, cauterizando-as. Apliquemos a cauterização da revelação da imortalidade da alma sobre os vícios incorrigíveis, sobre as paixões, sobre os ódios e sobre a vingança.

Deixemos bem claro que é muito ruim ser mau, e como é bom ser bom.

Se com os nossos escritos conseguissem deter a algum homem, na continuidade de seus vícios, bendito seja o trabalho empregado!

Uma alma que acorda e vê a luz, é um novo sol que irradia no universo!

8. O ganancioso miserável

Mesmo acostumados em ver homens cujas peculiaridades e excentricidades, conseguem nos chamar a atenção, sempre deixa-nos surpresos ao vermos um infeliz, vítima de si mesmo.

Como dizem os Espíritos, o papel de algoz, não tem que ser feito por ninguém para punir as faltas dos outros.

Cada um é o seu próprio algoz, pois, na eterna justiça de Deus, cada um faz colheita da sua sementeira.

Lendo os jornais, encontrei uma notícia, e ao ler, diz-me: Qual será a causa que gerou esse efeito? A ganância de cem séculos, diz uma voz interior.

A notícia era mais ou menos assim:

Relato

Um Avarento

Na Rua La Paloma, número 22, foi encontrado um indigente, moribundo, com ataque de fome.

Levado ao hospital, ele morreu.

Este homem vivia em extrema pobreza, dormindo em um leito com farrapos, em um canto da habitação.

Ontem, ao apresentar-se o juiz na habitação onde morreu o avarento, foi encontrado embaixo da cama, trinta mil pesetas em títulos bancários.

Psicografia

Sim, a ganância de cem séculos tem dado a esse infeliz, o tormento que sofreu nesta existência, na qual teve todas as torturas que produz a fome.

Ele possuía uma fortuna mediana, que o colocaria coberto de todas as necessidades materiais, pois tinha para viver, nem invejado, nem invejoso. Não teve mais escolha, que iniciar a pagar seus débitos do passado, ao que o coitado esteve muito disposto.

Ele foi finalmente convencido de que as riquezas da Terra, com todo seu poder de grandezas e luxos, não representam, na vida eterna do espírito, mais que a sombra, o isolamento e a mais completa solidão.

O homem que hoje, morreu de fome, foi por cem séculos, o rei de ouro. Teve o talento suficiente para empreender sempre negócios lucrativos.

As areias dos desertos se tornavam em suas mãos, pó de ouro. As pedras sem valor, em pedras preciosas, pedras do Oriente, de valor incalculável.

Era o filho preferido da fortuna. Como vocês dizem na Terra, em cada empresa que ele participa, a sorte estava sorrindo. Mas nunca saciou a sua sede de riqueza, enquanto mais ouro atesourava, mais ouro queria juntar.

Mas o ouro, em suas mãos, tornou-se infértil areia, porque nunca serviram os seus tesouros, para confortar um desconsolado.

Jamais visitou um órfão, nunca ouviu os lamentos de um ancião abandonado, nem de uma viúva perturbada. Ele sim desfrutava da sua riqueza. Viveu com a magnificência dos soberanos do Oriente.

Satisfazia as suas menores vontades, mas as sobras da sua mesa, não eram aproveitadas por nenhum pobre, nem seus cachorros fartos a consumiam. Não dava nenhum pedaço dos restos do pão para a servidão.

Coitado daquele servo que atrevesse a ser compassivo! Logo seria demitido por sua desobediência. E assim, ele viveu uma centena de séculos, até que finalmente, ouviu a voz de sua guia espiritual que lhe disse: Infeliz! Você não está cansado de viver nas sombras?

Você não tem as mãos manchadas com o sangue dos teus semelhantes, mas você deu o pior exemplo, que pode dar um homem que não é assassino.

Você teve muita água nas fontes das tuas propriedades, e negou-a aos peregrinos sedentos. Apodreceram árvores frutíferas em pomares, antes de oferecer às criancinhas, que te faziam pedidos com olhares ansiosos.

Você não derramou uma gota de sangue de teus semelhantes, mas, para aumentar as tuas fartas riquezas, prendeu os produtos alimentícios. Morreram centenas de crianças e idosos em inanição e de fome. Esta forma de proceder, o que tem te dado?

Ouro na Terra e sombra no mundo espiritual. Se você viu algum raio de luz, tem sido um dos incêndios produzidos pelas multidões loucas pela desesperação da fome.

Se você ouviu alguma voz, essa voz deve ter dito: Maldito seja carrasco ganancioso! Maldito seja!

Acorda miserável, acorda! Está na hora de ganhar virtudes e não moedas.

E o infeliz avarento ouviu a voz de sua guia e pediu para sofrer a angústia da pobreza. Assim, em sua última existência, não conseguiu resistir ao seu velho hábito de atesourar, mas o seu tesouro não lhe forneceu nenhum prazer.

Tem sido forte para resistir à tentação de alegrias terrenas, deu um grande passo, respeitando suas finalidades de retificação. Quando volte a Terra, vai começar a ser generoso, dando água ao sedento e pão ao faminto.

Quando você vir àqueles quadros de miséria, de sofrimento, e seja possível contemplar um monte de ouro escondido em trapos sujos, não digas: Que homem tão estúpido! Quanto pode a ganância e estupidez!

Não, curva-te em respeito diante um Espírito que, com uma explosão de vontade tem dito para si: Eu quero ver a luz! Eu quero regenerar-me! Eu quero dar o primeiro passo no caminho do sacrifício! Não mais egoísmo, não mais exclusividade, não mais miséria espiritual!

Respeita aos pobres de espírito, que estão dando o primeiro passo para engrandecerem-se, porque dado o primeiro passo, continua-se avançando até se tornar, um modelo de altruísmo e generosidade.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Muito me satisfaz a comunicação que eu tenho obtido. É uma boa lição para não criticar, nem fazer cálculos feios em ações dos outros, nem nas formas de proceder dos demais.

Cada ser é um capítulo da história da vida, e cada um desenvolve seus sentimentos, as suas aspirações, e seus propósitos, na medida dos seus conhecimentos adquiridos, nas suas encarnações passadas.

Não devemos julgar a conduta de ninguém, dizendo se dá a impressão de agir como um tolo ou um sábio. Como desconhecemos suas vidas passadas, não podemos fazer uma avaliação precisa do seu modo de ser.

Eu sou muito grata aos bons Espíritos, pelos ensinamentos que me dão, porque por elas vou aprender a não julgar pelas aparências. Realmente, as aparências são como as fantasias, que se colocam alguns homens, nas festas realizadas, durante o carnaval da nossa vida.

9. O homem salvo por um fenômeno sobrenatural

Um espírita de Rosário de Santa Fé, na Argentina, escreveu-me, enviando a seguinte notícia:

Relato

“Um fenômeno sobrenatural”

“The Daily”, um jornal britânico de boa circulação, não só na Inglaterra, mas em todo o mundo, conta o seguinte e interessante fato:

Em fevereiro de 1905, foi condenado por um servo, John Lee. Ele era acusado de ter assassinado em Londres uma senhora, em cuja casa serviu durante muitos anos.

No dia em que deveria ter se enforcado, aconteceu um fenômeno extraordinário: a alavanca do patíbulo, que deveria baixar e deixar o corpo no vácuo, não funcionou.

A alavanca trabalhava perfeitamente quando o condenado não estava acima da estrutura de madeira, mas quando John Lee era colocado, a alavanca não se movimentava.

Os juízes e os procuradores que estavam presentes, no dia da execução, ficaram perplexos diante desse estranho fenômeno.

Depois de longos debates, renunciou-se a execução de John Lee.

Então, o prisioneiro não parou de manifestar a sua inocência. O procurador ordenou uma segunda instrução e análise do processo, e no seguinte mês, o Tribunal colocou John em liberdade.

Este evento extraordinário tem impressionado muito aos juízes e ao público.

Comentário da médium

Na verdade, é um evento muito raro. Por isso, muitos amigos espíritas de Santa Fé, pedem para perguntar sobre a causa deste efeito extraordinário.

Eu, querendo agradecer aos meus irmãos, perguntei ao guia espiritual dos meus trabalhos mediúnicos, e então eu obtive a seguinte comunicação:

Psicografia

Não existe nenhum fenômeno sobrenatural. Os fatos que vocês acham estranhos e incríveis, não são apenas o resultado das nossas ações de ontem, são a consequência natural das nossas boas ou más obras.

Se assim não fosse, as leis eternas da natureza perderiam seu equilíbrio perfeito e elas não mudam nunca. Tudo segue em marchas rítmicas, tudo se desenvolve e evolui em seu devido tempo.

Os acontecimentos que marcaram época na vida do homem, não se adiantam um segundo, nem se atrasam um minuto. O tempo é o relógio dos séculos, e o seu relojoeiro é o próprio Deus. Ele é o grande mecânico que faz operar as suas máquinas tão perfeitamente.

Volto a repetir, nem se atrasam, nem se adiantam os acontecimentos que decidem o futuro do homem.

Esse Espírito sofreu recentemente, todas as angústias e todas as dores de sua próxima execução. A alavanca do patíbulo se recusou a funcionar, porque o seu movimento era paralisado pelos amigos espirituais do condenado.

Realmente, nessa existência, esse homem não cometeu nenhum crime. A justiça humana tem feito o seu dever de declará-lo inocente, mas nem sempre foi tão bom como agora. Tem uma página, na sua história, tão cheia de manchas, que ele mesmo se propôs, na sua existência presente, deixar tudo limpo.

Ele conseguiu, porque as três vezes que o carrasco tentou cumprir o seu papel ao lhe enforcar, ele sofreu nesses momentos, mil mortes por segundo.

Suportou tudo isso graças ao seu espírito enérgico, e por ter no além, muitos bons amigos espirituais. Especialmente um, que ele fez sofrer algo semelhante, ao que ele sofreu agora.

O Espírito John Lee, numa de suas existências anteriores, pertenceu à nobreza. Ele herdou de seus pais, muitos pergaminhos e riqueza de bom tamanho, que se propôs a aumentar. Pensando que o ouro abre todas as portas, tanto na Terra e no céu.

Entre os seus muitos servidores, ele tinha um, que lhe atendia como escudeiro, secretário e ajudante. Realmente, ele era seu fiel cão, que cegamente obedecia todos seus planos maus. Isso porque John Lee era muito adepto a fazer falsos testamentos e outros tipos de documentos, com os quais conseguia se apropriar de bens, que não eram seus. Assim foi deixando na miséria, muitos de seus parentes e vizinhos.

Seu fiel servo, Daniel, estava ciente de quanto era feito pelo seu mestre, e John Lee chegou a ficar com medo. O pânico tomou sua mente, e disse para si mesmo: este homem pode entregar-me a minha sede de ouro, pode apoderar-se da sua alma. Ele é muito esperto, e sei muito bem que, se ele fala-se, suas denúncias seriam bem pagas pelos meus muitos inimigos. Homem morto não fala, então, está na hora de começar a trabalhar.

Por agora, vou acusá-lo de ser um assaltante desmedido, dizendo que ele me roubara uma quantia fabulosa.

Sempre que o acusador é rico, consegue logo a condenação do pobre. E dito e feito, John Lee, acusou Daniel de roubar-lhe o que pode.

Daniel foi preso, e não somente apareceu no tribunal como um ladrão, assim como foi acusado de assassino. Foi lhe atribuído, a morte de um funcionário público, que em épocas anteriores, tinham encontrado debaixo de uma ponte, com a cabeça separada do tronco e um punhal no peito.

John Lee despejou dinheiro a rodo, e o relatório ficou concluído em poucos dias.

Daniel sempre disse a mesma coisa: que era inocente e que não sabia o que eles estavam falando. Mas as suas declarações não foram atendidas, porque tinha um homem poderoso que queria vê-lo morto.

Na véspera da execução, John Lee foi subitamente tomado por uma dor insuportável no seu coração. Olhou para si mesmo e resmungou com horror: Eu sou um miserável! Daniel é inocente, eu bem sei. Eu não tenho a menor queixa dele, desinteressadamente me ajudou, e quando eu queria recompensar pelos seus serviços, ele me falava: com ficar ao seu lado, eu tenho a melhor recompensa. E só por um medo infundado, estou assassinando a este infeliz.

Oh, Deus! Eu estou me afogando! O remorso vai me matar. É fogo e não sangue o que corre nas minhas veias. Mas ainda há tempo. E dominado pela ansiedade mais horrível, ele correu para o local da execução.

No momento em que Daniel dizia ao carrasco: Eu te perdoo pelo crime que você vai cometer, porque eu sou inocente. Gritou John Lee: Sim! Ele é inocente!

Com o selo da confissão, o verdadeiro ladrão devolveu-me a quantidade que eu tinha sido roubado. E o assassino do funcionário morto debaixo da ponte, foi encontrado e confessou o crime, ao saber que um inocente estava prestes a morrer por sua causa.

O espanto dos juízes era indescritível. Daniel foi superado por muitas emoções, e ficou por bom tempo muito doente. Ele foi atendido pelo seu mestre, que o levou para sua casa novamente, tratando-o com o maior carinho.

Daniel, enquanto estava na Terra, ignorava as ações de seu dono, e morreu abençoando-o. Mas no mundo espiritual, soube de tudo, e sentiu compaixão pelo seu mestre, por ter caído tão profundo.

Ele o queria tanto, que se tornou o seu anjo bom. Ao se encontrar os dois, do outro lado da vida, aconselhou a John Lee, a apressar seu resgate, que ele mesmo tinha lhe feito sofrer.

Mas John Lee precisou de um longo tempo para decidir-se a pagar uma dívida tão terrível. Finalmente, nessa existência, sofreu com coragem, a maior dor de todas as dores.

Daniel e outros Espíritos impediram o funcionamento da alavanca. Não deveria morrer aquele que se arrependeu de seu crime.

A sinceridade de seu remorso recebeu a recompensa merecida, já que dos arrependidos é o reino dos céus.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

O Espírito tem toda a razão: Não existem os fenômenos sobrenaturais. Só existe o cumprimento das leis eternas.

Ainda precisamos muito estudar as leis da criação!
Bem disse um sábio grego: só sei que nada sei!

10. A garota surda-muda, com paraplegia e doença mental

Quantas dores sofrem-se neste mundo!
Quão sombria é a Terra!
Quantos infelizes me contam os seus problemas!
Aqui estão os trechos de uma carta que eu recebi:

Relato

Há aproximadamente nove anos, está confinada em um hospício desta capital, a minha neta.

Conta, no momento, com treze anos de idade. O seu estado é do mais triste que a mente humana possa conceber, é uma verdadeira autômata.

Ela é incapaz de movimentar ambos os membros, surda e muda, sem o conhecimento ou raciocínio de qualquer tipo. Nesse estado, lá permanece. Com os meus recursos, no momento, não me permitem tê-la ao meu lado, como são os meus desejos fervorosos.

Eu sinto um carinho imenso e uma paixão para com ela, que francamente, eu não consigo explicar. Por isso, sofro terrivelmente, e ainda mais, que o fato de ir visitá-la é completamente indiferente à minha presença, o meu espírito sofre de uma maneira terrível.

Por todas essas razões, eu fortemente lhe imploro, para que peça aos guias espirituais de seus trabalhos mediúnicos, algumas informações sobre a história do passado dessa criatura infeliz. Qual será o tipo de relacionamento prévio que existe entre ela e eu? Não ignore o meu pedido, eu acredito no Espiritismo, na realidade de sucessivas encarnações, e eu preciso acalmar o meu espírito com uma nova revelação.

Comentário da médium

A demanda de um ser que sofre, sempre tem sido sagrada para mim, então, eu tentei pedir ao meu Espírito Guia, sobre estes dois seres tão infelizes, e ele respondeu o seguinte:

Psicografia

É justa a ansiedade e perplexidade do irmão que se aproximou até ti, para pedir ajuda. E como só recebe quem pede, escuta atentamente a minha revelação:

A menina paralítica de hoje, a surda-muda, a deficiente mental, realmente não é isso que aparenta. Para seu maior tormento, ela foi, na sua última encarnação, um personagem célebre por seus delitos.

Na encarnação anterior, foi homem e nasceu na Espanha. Nessa existência, ficou conhecido por ser o espanto das pessoas, pela sua habilidade, sua coragem, sua ousadia, arrastando os maiores perigos para roubar aos caminhantes, assaltar as mansões e para achar tesouros escondidos.

Era um vilão terrível, a maioria dos governantes exaltados, tentavam capturá-lo, mas somente tentavam. Ele era um homem atraente, com a beleza do anjo das trevas, e, como era de linhagem nobre, de boas maneiras, quando lhe convinha, era o mais ilustre ser que a mulher mais exigente, pode desejar.

Portanto, não foi difícil conseguir uma moça de boa família que enlouquecera pelo seu atrativo.

Assim, ele arrebatou uma jovem do seu lar, levou-a para longe, para evitar várias queixas e problemas com os pais. A moça seduzida, mais tarde percebeu o mau caminho que havia tomado, mas gostava tanto dele, estava tão apaixonada, que se dispôs a transformar o bandido feroz em um bom homem.

Todos os seus esforços foram em vão: ela era muito cristã, acreditava na eficácia dos jejuns e as penitências. Ela colocou-se cilícios, uma espécie de túnica ou cordão de crina, que se trazia sobre a pele para mortificação, e assim, martirizou seu belo corpo, para redimir o homem que ela amava.

Mas ele se cansou de seus sermões e lamentações, e após cometer com a quadrilha, um roubo e matar várias vítimas, disse para um dos seus companheiros: A mulher que me acompanha há muito tempo nos atrapalha.

Cada dia vai se tornando mais escrupulosa e mais devota, deem um jeito nela, façam com que ela suma, para o bem de todos e ganharmos tempo.

O bandido cumpriu as ordens de seu capitão e em um lugar deserto, onde a terra foi surcada por profundos desfiladeiros, num deles jogou a jovem apaixonada. A mulher boa e fiel tornou-se redentora, como é natural acontecer com esse nível de almas, foi “crucificada”.

Tempo depois, em um encontro com outros homens armados, uma parte dos bandidos foi morta, incluindo o capitão. Quando chegou ao mundo espiritual, foi recebido pela sua redentora, disposta a continuar sendo o seu anjo da guarda. Em verdade, ela o amava tanto!

Permaneceram bastante tempo no além, e ela foi preparando-o para começar o reajuste das suas contas. Foi tanto que insistiu na sua conversão, e tal luz recebeu dos outros bons Espíritos, que o bandido de ontem é a menina paralisada de hoje.

Tanto correu para cometer crimes horríveis, que hoje não pode se mover e nem falar, quem no passado ditava as sentenças de morte.

E o avô abalado que vem visitar a sua neta, e ela não o reconhece, é a vítima de ontem. A atual avó, é a moça que em anterior encarnação, quis ser sua redentora. Esse Espírito de luz, lhe seguirá sempre, até conseguir fazer dele, um ser superior.

O seu amor é imenso, possui um nível que ninguém faz a menor ideia na Terra, onde os amores são flores de um dia, ilusões passageiras, ou como os incêndios que assim como acendem rapidamente, apagam-se.

O amor desse Espírito vai chegar ao sacrifício, sem ter a menor sensação de desmaio, vai acompanhá-lo sempre, vai ajudá-lo sempre. Vai prendê-lo em seus braços, e em todas as suas encarnações será ligada a ele, de uma forma ou de outra, durante o sonho deverá murmurar no seu ouvido: Tenha coragem de pagar suas contas, você errou muito, mas você tem a eternidade para se regenerar.

Eu vou com você, você não vai ficar sozinho, eu serei sua mãe, sua irmã, sua esposa, sua filha. Eu me enlanzarei com você em todos os parentescos terrestres, e desde o mundo espiritual, serei a sua estrela guia, para orientar-te sempre a caminho da luz e da verdade.

Muito mais poderia dizer do amor desse Espírito, que é uma dádiva de Deus para magnificar a um culpado. Uma vez que, os mais doentes são os que mais têm necessidade de médicos do céu.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Quão bela é a missão dos Espíritos que se amam!

Se não fosse por eles, o que seria dos homens na Terra?

Pois a maioria de nós tem uma história tão horrível.

Bem-aventurados são aqueles que amam e felizardos também são aqueles que são amados!

11. A morte de uma esposa na lua de mel

Victor Hugo diz: “os olhos só vêm a Deus, através das lágrimas”, e é uma grande verdade.

Quando estamos em meio à “felicidade”, o nosso pensamento não se eleva, nem muito nem pouco. A alma se contenta com o que tem na sua frente, seja um horizonte ilimitado ou um pedaço do céu ao alcance dos nossos olhos.

As pessoas dizem que ninguém se lembra de Santa Bárbara, até que os trovões aparecem.

É triste, mas é verdade. Isso dá muito pobre ideia do que somos os homens na Terra, mas diante dos fatos, devemos inclinar a cabeça e nos declarar vencidos.

Olhando nos jornais, eu notei um artigo, que copio abaixo:

Relato

Lendo o jornal “O Mundo Latino”, observei uma notícia que transcrevo:

Um correspondente italiano informa uma tragédia horrorosa, acontecida na cidade Castellamare, nos seguintes termos:

Pascual e Carolina Sarrubbo, jovens distintos e abastados, casaram-se esta semana.

Ontem à noite, os felizes recém-casados tinham sido recolhidos no quarto matrimonial, no segundo andar de um hotel sofisticado. Quando entraram na habitação, o chão do quarto afundou, e entre os escombros, o casal caiu no apartamento de baixo.

Nesse andar dormia uma senhora com seus dois filhos. Estes ficaram gravemente feridos e Carolina foi morta nos braços de seu marido ileso.

Comentário da médium

Que noite de núpcias tão dolorosa!

O que será que essas infelizes fizeram no passado? Terrível história deve ter um episódio tão comovente, pelo que o Espírito Guia me diz:

Psicografia

Sim, eles têm. Para ser este ensino útil, presta atenção na narrativa que eu vou dar em breve linhas.

Pascual e Carolina eram pai e filho, na sua existência anterior. Pascual era o pai, e Carolina, o filho. Ambos pertenciam a mais alta nobreza, eram os cavaleiros cobertos perante o rei, e mais tempo permaneciam no palácio do monarca que em sua casa senhorial.

Pascual foi o nobre de maior orgulho do seu tempo. Ele colocou no seu único filho, o herdeiro, no seu amado Carlos, as maiores sorridentes e lisonjeiras esperanças.

Ele tinha a firme convicção que se casaria com alguma donzela, parente do monarca reinante da nação.

Pascual era todo orgulhoso, com a sua estirpe de nobreza, sua árvore genealógica, seus castelos, seus privilégios e toda a grandeza de sua ilustre linhagem.

Mas seu filho Carlos, era simples, humilde e despreocupado. Ele odiava as festas do palácio, e gostava de lidar apenas com seus muitos servos. Particularmente, com uma mocinha, que cresceu ao lado dele, a filha de um guarda florestal, que, desde a infância, ambos subiam nas árvores para apanhar ninhos e comer fruta verde.

Juntos, eles davam longas caminhadas pela floresta, sempre eram vistos acompanhados, seja pelas manhãs de primavera ou nas noites de inverno.

Pascual não tinha notado nada nos dois adolescentes, pois sabia que seu filho precisava de uma grande quantidade de ar e sol, para o desenvolvimento de seu corpo frágil.

Quando Carlos fez vinte anos de idade, seu pai chamou-lhe e disse muito feliz:

Meu filho, Deus ouviu as minhas orações. Você será parte da família real. Uma sobrinha do rei, tem se dignado em fixar seus olhos em você, e assim que o monarca decida, será realizado o casamento para a infanta Elena.

Mas pai, disse Carlos muito contrariado, o senhor sabe o meu gosto. Eu prefiro a vida no campo, nos palácios eu fico com falta de ar. Além disso, a infanta Elena eu não a quero. Para me casar, eu quero amar a minha esposa. A Elena nunca vou amá-la, ela é muito orgulhosa, muito imperativa, eu não quero ser o brinquedo de uma mulher, mesmo que tenha nascido nos degraus do trono.

Pascual ficou maravilhado com a resposta do seu filho e imediatamente, percebeu que Carlos queria outra mulher, mas escondeu as suas suspeitas. Ele colocou espões ao seu filho, e estes, poucos dias depois, disseram a Pascual o que descobriram. Carlos amava uma moça humilde e simples, Anita, a filha do guarda florestal, que tinha sido criada com ele desde pequenina.

Pascual, ao saber que seu filho amava a uma plebeia, ficou furioso. Chamou Carlos e disse-lhe: Já sei de tudo! Agora a vida de Anita depende de ti. Se você concordar com a minha demanda, vou lhe dar um bom dote e se casará com um homem da sua classe. Se você persistir na sua paixão louca, eu vou deixá-la encerrada em um convento, e a você, vou enviar muito longe daqui, até que recupere a razão.

Eu prefiro vê-lo morto, a vê-lo casado com uma mulher indigna de você.

Carlos, cujo estado de saúde era delicado, sentiu-se mortalmente ferido diante do mandato do seu pai, mas principalmente querendo livrar Anita, do confinamento em um convento, ele desistiu e disse a seu pai:

Dota ricamente a Anita, eu vou fazer a sua vontade.

O pai manteve sua promessa, deu um grande dote a Anita. Carlos, ferido nas profundezas do seu coração, enquanto seu pai estava preparando um palácio suntuoso, sentiu-se fraco e como quem queria morrer, poucos dias antes de seu casamento, deu a sua alma a Deus.

Ele pediu para chamar nos seus últimos momentos a sua idolatrada Anita. A companheira de sua infância, que na morte de Carlos, entrou para um convento, onde morreu antes de professar.

Pascual fez para o seu filho um funeral muito luxuoso, e entre morto, ou casado com Anita, a filha humilde do povo, ele preferiu a morte de seu

herdeiro, antes a desonra de seus cristas, com um casamento tão desigual.

Em Pascual estava adormecido o sentimento, e seu filho, encontrando-se no mundo espiritual, concordou com sua inesquecível Anita, de retornar a Terra, e de escolher a Pascual, seu pai de ontem, como o esposo de hoje.

Como Pascual não soube lamentar a perda de seu filho, ele, agora como Carolina, iria despertar seus sentimentos, na hora de ser sua.

Pascual não era ruim, era apenas vaidoso e orgulhoso. Era necessário despertar o sentimento, e para essa finalidade, não existe nenhum alarme mais potente, do que a dor que sentimos por nossos próximos mais queridos.

Pascual, quando balançou em seus braços o corpo de sua esposa, sentiu o que nunca tinha sentido em suas existências anteriores. Foi violentamente despertado o seu sentimento e chorou com a dor suprema. O homem que estava feliz com a morte de seu filho, antes de vê-lo junto com uma plebeia, agora chora com lágrimas de sangue a perda da mulher amada.

Ele ouviu o alarme de todos os tempos, escutou a voz do infinito que o chamou a ter juízo, e de agora em diante, não prefere os pergaminhos por acima das virtudes.

Neste triste episódio, tem sido despertado o sentimento de uma alma que dormia entre suas riquezas terrenas.

As crianças, que ficaram feridas, foram os espiões dos amores de Carlos e Anita. Todos recebem o que merecem. Uma vez que, não há nenhuma dívida que não seja paga, nem prazo não seja cumprido.

O despertar de uma alma é um grande evento, porque de um ser sensível, podem se esperar todas as boas obras, enquanto o espírito vaidoso com suas riquezas, não pode obter-se dele, mais do que a neve do egoísmo e da sua petulância.

Que soe o alarme dos séculos, mesmo que chorem as almas ao acordar, porque o homem que não chora, não vê Deus. Devemos chorar muito, para ver o arco-íris que formam as nossas lágrimas, e nesse arco-íris é o lugar onde está Deus.

Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

O Espírito tem razão. A dor é o grande alarme da humanidade.

Os seres que dormem, são árvores secas. Para que brotem frutos é preciso regá-las com as lágrimas da dor.

12. A avó obsessora

Entre as muitas pessoas que me visitam, teve uma que chamou muito a minha atenção. A imagem de Teodora Ortiz, uma mulher muito simpática, bem educada e espírita cristã. Ela me prometeu escrever quando tivesse chegado ao seu lar, e assim o fez.

Ela manteve a sua palavra, dizendo na sua carta o seguinte:

Relato

Você deve lembrar-se, que no dia do nosso encontro, estava junto com meu marido e lhe expliquei a perseguição da qual era submetida. O Espírito que realizava essa perseguição era nossa avó, mais precisamente a avó do meu marido, que desencarnou há treze ou quatorze anos.

Com três anos de estar desencarnada, eu comecei a sentir os efeitos de seu ódio em relação a mim. Desde então, continua a sua perseguição, com uma tenacidade inacreditável. Atingindo-me, tanto na parte física, como no moral, e até nos bens materiais.

Foi tão difícil, que se não houvesse tido a sorte de conhecer o Espiritismo, e de entrar em relação com os bons espíritas, certamente, com os golpes fatais que me proporcionou esse Espírito, teria sucumbido sem conseguir passar nesta prova com sucesso.

Felizmente contamos com o apoio dos bons amigos invisíveis, que nos ofereceram a sua valiosa ajuda, a qual todos nós precisamos.

Esqueci-me de lhe dizer que, quando as coisas vão muito ruins, a minha filha Inês, que desencarnou há três anos, quando estava prestes a cumprir dois anos de idade, vem para dar-me auxílio.

Sabe-se que é um Espírito muito elevado, uma vez que a sua presença, faz retirar ao Espírito rebelde que me assombra, e me dá a força para perdoar e até querer o bem ao meu perseguidor.

Feita a história, em breves linhas do que acontece comigo, atrevo-me a pedir-lhe um favor, ao qual ficarei eternamente grata. Por gentileza, quando você tenha a oportunidade, consulte com o guia dos seus trabalhos

mediúnicos, para ver se eles dizem o que há entre esse Espírito e eu. O que pode existir entre a avó e nós? Qual é a causa no passado, que gera o efeito, de um presente tão triste e tão angustiante?

Eu acho que é inútil dizer, que não peço movimentada por nenhuma curiosidade infantil, nada disso. Se eu solicito, é pelo desejo que temos de progredir, e fazer as pazes com este pobre Espírito. Caso chegue a conseguir, ficarei muito feliz. Eu sofro tanto!

Comentário da médium

A carta de Teodora me impressionou profundamente, porque a sua história era realmente comovedora. Ela tem a infelicidade de ser uma médium vidente, e continuamente vê a sua avó, com as mãos tocando seu pescoço e tentando estrangulá-la.

Quantos mistérios! Quanta sombra esconde a noite do passado!

Diante do padecimento de uma família, eu não hesitei em perguntar aos meus amigos invisíveis, porque Teodora tinha que sofrer tanto, e os Espíritos responderam o seguinte:

Psicografia

Para responder a tua pergunta corretamente, teríamos que dar uma série de comunicações sobre a história de Teodora, a atual avó. Mas, por hoje, vamos nos limitar a dizer que, quando o Tribunal do Santo Ofício, ditava as suas leis horríveis, um dos seus mais poderosos juízes, era membro da nobreza espanhola, residente na corte.

Naquela época, Teodora era uma mulher bonita, que deveria ficar unida em casamento com um homem digno dela. Antes de receber a bênção nupcial, foi confessar seus inocentes pecados com o temível inquisidor. Ele, quando a ouviu, perdeu completamente sua razão e jurou fazê-la sua.

Quando Teodora se retirou, o noivo foi ao confessionário, ajoelhou-se diante do confessor e este, usou a sua astúcia para cobrir de infâmia a honra imaculada de Teodora. Mas, a sua perversa tentativa, não conseguiu obter sucesso, porque o seu futuro esposo, estava convicto de que a sua amada, era um anjo disfarçado de mulher.

Os dois apaixonados, intercambiaram seus pareceres, e trataram de apressar seu casamento, o mais breve possível. Mas, antes de conseguir, Teodora foi acusada de heresia, e foi violentamente retirada da casa de seus pais.

Mas seu noivo, que era um homem muito influente, colocou em jogo todo o seu poder. Ele usou grandes somas de dinheiro, na compra de inescrupulosos carcereiros.

Teodora conseguiu deixar a prisão e ambos fugiram para o exterior, onde finalmente se casaram. Esta notícia levou o inquisidor à loucura. Ele ficou com raiva e não conseguiu superar a sua resistência a Teodora.

Teodora era feliz com seu marido, mas não podia voltar para Espanha, até que soube que morreu o feroz inquisidor. Este não percebeu a sua morte, e mesmo no mundo espiritual, acreditava que continuava com vida longa. Odiando e desejando a posse de Teodora.

Ambos reencarnaram, o inquisidor e Teodora, retornaram a Terra e moraram os dois sob o mesmo teto. Quando Teodora se casou, sua avó ainda sentia por ela aversão incompreensível.

Ela deixou a Terra na maior perturbação, demorou em perceber que estava desencarnada, e quando reconheceu o seu estado espiritual, redobrou o seu ódio. Totalmente apegado à matéria, fez todo o mal que conseguiu.

O marido que teve Teodora na existência anterior é nesta encarnação, a sua filha Inês. E, graças a este Espírito de grande potência, muito ajuda a sua mãe, dá-lhe forças para resistir à perseguição horrível desse Espírito totalmente materialista, e dominado pelas paixões mais violentas.

Teodora e o Espírito da sua filha Inês, devem trabalhar incansavelmente, para fazer-lhe entender ao inquisidor de ontem, o seu verdadeiro estado, aconselhando-lhe, exortando-lhe, e perdoadando-lhe todas as ofensas.

É um louco, que elas devem curar e compadecer. Em outra comunicação, eu vou dizer-te algo mais sobre a história de Teodora, Espírito forte, digno, corajoso. Se ela pecou, na noite do tempo, chegou depois ao heroísmo e ao sacrifício para defender a sua honra.

Ela soube sofrer, agora o que precisa é saber perdoar, para depois, amar aos seus inimigos.

Todas as coisas boas vão consegui-las porque tem a vontade e o desejo de engrandecimento.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Quanta sombra oculta o passado!

Bem-aventurados os espíritas, que podem rasgar o véu da reencarnação, e permite contemplar o brilho do sol do amanhã.

Abençoada mil vezes seja as comunicações do além-túmulo! A humanidade já não caminha às cegas! Enxerga brilhando no leste, o sol da verdade!

13. A menina assassina

Relato

Carmen Ayala y Ayala –

A menina de dez a doze anos, que assassina sua aleijada irmãzinha Teresa.

Carmen Ayala y Ayala –

A órfã abandonada, com sua irmã mais nova Teresa, assassina a esta, acreditando, talvez, diminuir seus sofrimentos.

(Causa do Juizado de Maricao, Porto Rico, 1901)

Justificativa –

Carmen e a sua irmã mais nova Teresa, aleijada, eram órfãs de pai e mãe em um barraco solitário nos desertos de Maricao, no interior de Porto Rico, nos dias sombrios de 1901, “dias mais sombrios que os atuais”.

Carmen procurou refúgio na casa de um tio, Pablo. Ele era um homem sem consciência, de mau humor, que maltratou essas pobres criaturas. Então Carmen foi forçada a acudir para outros vizinhos.

Foi acolhida na casa da Sra. Denizar, mas pela falta de recursos, Carmen teve de sair do barraco e ir para outra casa. Chegou à casa de Alejo Garcia, cuja esposa caridosa deu acolhimento maternal.

Fatos –

Declaração de Carmen Ayala y Ayala.

A moça diz: Que depois da morte de seus pais, foi acolhida por seus vizinhos caridosos Alejo Garcia e sua esposa. Na casa deles, fazia pequenas tarefas, e a maior parte do dia, cuidava da irmã pequena.

Que ontem de manhã saíram para o rio, os cônjuges Garcia, deixando-a sozinha em casa com a sua irmã. A nobre senhora, pediu que se

entretivesse, coletando alguns grãos de café que tinham caído no chão, e que cuide da pequenina até eles chegarem ao anoitecer.

Quando eles saíram, a depoente foi para as plantações de café, ali foi, onde surgiu a má ideia de assassinar Teresa. Esta ideia há três dias vinha com insistência, e ela a resistia. Mas a sugestão tinha tanta força, que naquele dia correu para dentro da casa onde morava.

A depoente começou a chorar muito e contou que, ao chegar de volta para a plantação de café, a ideia de matar sua irmãzinha, voltou a perturbar seu cérebro, até o desejo de empurrá-la e jogá-la dentro do estanque perto da casa. Todavia, correu para fazer o buraco na terra, para enterrá-la após se afogar.

Feita a escavação, veio procurar o cadáver e enterrou-a no buraco feito por ela, usando uma pá. Tirou o pequeno corpo do estanque, providenciada de um facão do senhor Ayala para fazer a fossa.

Logo, quando a moça matou a sua irmã, não estava nos seus sentidos. Depois fugiu desses lugares, até chegar à casa de Segunda, mulher de Justino, onde Alejo Garcia encontrou-a, por volta das treze horas.

A depoente disse que confessou para Segunda o crime que tinha feito, e a senhora, aconselhou-a permanecer com ela, até que os Garcia viessem buscá-la.

A jovem demonstrou que não tinha nenhum ódio, nem detestava a sua irmã. Pelo contrário, ela sentia terno amor.

Finalmente a moça declarou que, sentia também, muito carinho pela vítima, mesmo tendo que cuidá-la e atendê-la sempre, dia e noite, e ter que levá-la ao ombro, já que era aleijadinha.

O Tribunal desta cidade, diz o nosso repórter, ao conhecer o caso, tem feito um trabalho muito digno. Ele tentou, por todos os meios hábeis, colocar a coitada menina em um orfanato beneficente, pois para estes casos, não há locais adequados na ilha.

Como não conseguiram colocá-la, encaminharam à mocinha, em um núcleo assistencial da cidade, onde Carmen morreu no mês de fevereiro passado.

Nosso repórter deseja submeter o caso aos pensadores, particularmente aos espíritas, para dar uma explicação ao público, sedento de luz.

Comentário da médium

Uma escritora espírita de Ponce, Porto Rico, me enviou esta notícia, que antecede a estas linhas. Ela, suplicando fortemente, perguntou-me se era possível saber, se a infeliz Carmen Ayala y Ayala, foi vítima de sugestão espiritual, ou ela era a única autora de um crime tão horrendo.

Eu, seguindo o meu desejo, de servir de alguma forma à humanidade, perguntei ao meu Espirito Guia, a causa de tais efeitos desastrosos, e veio aqui a sua resposta:

Psicografia

Eu te disse várias vezes que, quando uma pessoa não quer ser dominada, rejeita toda influência. Porque se ela, não tivesse livre arbítrio para rejeitar, nasceria já com o estigma e a marca da escravidão, ou com a passividade humilhante do pária.

Os humanos, não têm em si, nem a cega mansidão e muito menos a obediência estúpida.

Todos são livres para exercer os desejos da sua vontade. O que acontece é que, muita gente está contente e satisfeita com seguir as instruções dos outros, porque são preguiçosas para pensar.

Se alguém pensa por elas, e lhes diz: o teu caminho já está traçado! Elas seguem a rota, sem olhar para onde vão. Embora que, estas infelizes obedecem a uma sugestão, se a obedecem é porque querem obedecer.

Essas pessoas não se dão ao trabalho de pensar, porque eles mesmos forjam as suas cadeias e levantam as paredes de sua prisão. E acontece isto, não porque exista um poder superior para escravizá-los, porque se tivéssemos um, Deus seria injusto. Em Deus não há injustiça, porque ele simboliza a igualdade.

A menina que matou a sua irmã cometeu o crime por sua vontade e pelo desejo de outro ser invisível. Teresa e Carmen foram rivais em outras encarnações, odiaram-se com verdadeira crueldade.

A menina aleijada, nas vidas passadas, foi dotada de um corpo forte e robusto. Ela usou as suas forças hercúleas, para ferir sem piedade, matando mais de uma vez ao seu terrível inimigo, que nesta encarnação, tem sido o seu assassino.

Malvado por natureza e traíra por costume, criou muitos inimigos pelo seu mal proceder. Inimigos que, o têm perseguido sem piedade, sendo um deles, o ser invisível que levantou o braço de Carmen para matar a menina aleijada.

Mas Carmen ficou satisfeita com o seu trabalho, porque odiava a sua irmã, sem ela explicar o porquê.

Quando encarnou, soube que o seu adversário também reencarnaria para sofrer o tormento de não ser capaz de dispor de seu corpo. Ela disse a si mesma: Eu vou começar a minha regeneração, cuidando materialmente do meu inimigo. A oportunidade não poderia ser mais propícia, fazer essa experiência poderia dar excelentes resultados. Então pensou: embora trabalhar!

Mas uma coisa é a teoria e outra é a prática. Como o ódio é a planta que está mais enraizada no coração humano, e Carmen tinha sido vítima da sua irmã, muitas vezes, o teste de amar o seu encarnado inimigo, oferecia muitas dificuldades.

De fato, estas aumentaram com os conselhos perversos do ser, invisíveis, que odiavam as duas. O seu ódio era justificado, porque ele tinha recebido ofensas muito graves, das duas. Ele aproveitava a perplexidade de Carmen, para vingar-se das duas, matando uma e tornando assassina a outra.

Desse jeito, Carmen não fora a única autora do crime, mas se o seu espírito tivesse sido mais inclinado ao bem, teria rejeitado os conselhos do ser invisível que a estimulava com suas más intenções.

Sua nova queda tem-lhe causado uma série de prejuízos. Ao voltar para o mundo maior, tem visto que seus próprios propósitos de regeneração foram esmagados e pulverizados pelo seu novo crime. Agora na espiritualidade, está determinada a realizar uma direção diferente.

Ela está convicta de que o crime atrai o crime. A satisfação que vem de vingança é semelhante ao de um veneno doce que logo queima as entranhas.

Destruir um corpo é colocar em nosso caminho, um enorme bloco de granito que obstrui a passagem, onde ninguém consegue passar ou destruir. Coitados dos Espíritos que ao voltar para o mundo espiritual encontram cadáveres no seu caminho!

As masmorras das prisões são jardins maravilhosos, em comparação com a sombra que rodeia aos assassinos.

O contrário acontece quando uma ofensa é perdoada, quando um ser torna-se o anjo da guarda do indivíduo que mais tem odiado. Quanto prazer é experimentado ao ver apagados, os vestígios de sangue e fogo, que outro dia, deixamos no nosso caminho!

Criar amores! Despertar sentimentos! Suavizar arestas! Encurtar distâncias enormes! Fazer o bem pelo bem mesmo!

Quão produtivo para o Espírito será este trabalho! No entanto, por maior que seja a sua explicação, por mais longa que seja a sua conta, no meio dos seus sofrimentos, vai ter horas de descanso.

Se tiver que sentir os horrores da fome, encontrará o pão, no meio do deserto mais seco. Se a sede ardente tiver que lhe atormentar, da rocha mais dura, brotará para ele, um fio de água. Nas horas de maior desconsolo, ouvirá uma voz harmoniosa que vai dizer-lhe ternamente: ama e espera!

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Obrigado, bom Espírito. É por você que eu amo e é por você que eu espero.

Deus te abençoe! Devo a ti, muitas consolações! Quanta luz espalhou-se em torno de mim! Eu era menor do que um átomo e hoje eu tenho uma grande família. Eu não tinha lugar na Terra, e por ti, sei que eu tenho uma herança no mundo espiritual.

Eu não tinha um tostão e por ti, agora eu sei que tenho a minha conta poupança, nos seres que são mais pobres do que eu.

Abençoado, abençoado sejas!

14. O neném abandonado na porta de casa

Os Espíritos me dizem que eu ainda devo permanecer na Terra, apesar da minha idade avançada, das minhas contínuas doenças, e da minha luta constante para sobreviver e alimentar o meu corpo doente.

Isso acontece porque eu tenho que escrever muito ainda, para consolar e ajudar, a todos aqueles que precisem de mim. Também devo auxiliar a essas pessoas, que realmente tenham sede da verdade, quando me pedem conselhos e luz espiritual.

Alguns dias atrás, uma senhora espírita, dizendo o seguinte:

Relato

Querida amiga, por um ato cruel, infelizmente muito comum na nossa humanidade, foi colocado em minhas mãos, um menino recém-nascido, ao qual estou alimentando com mamadeira.

Ele foi deixado na porta da minha casa, num dia frio do inverno passado. Fiquei muito emocionada por tão importante achado, e por esse motivo, ao início, eu não quis saber o vínculo que nos relaciona espiritualmente.

Agora, mais calma e refletindo sobre o caso, venho a perguntar-lhe, se você tivesse a bondade de pesquisar, por que eu o amo tanto!

Quando eu me acreditei sozinha e estéril, aparece este ser, com seus sorrisos para iluminar a minha casa. Ele surge, para fechar com beijos, as profundas feridas do meu coração. Feridas causadas pelos duros golpes da vida.

Ele veio na hora certa. Essa criança chegou para mim para receber o meu carinho e meu amor, e gostaria que o Espírito que guia teus trabalhos, orientara-me. O que me anima não é saciar a curiosidade infantil, e sim, a boa intenção de redobrar o meu amor a este ser.

Eu estou disposta a sacrificar-me por ele, para conseguir criá-lo, instruí-lo nos princípios consoladores, que nos alimentam e nos mantem firmes, na dura batalha da vida.

Esta criança é um espírito em provação? Se for assim, bem-vindo seja, mesmo que venha para purificar seu Espírito, o meu.

Vem a realizar algum recado da “Lei Suprema”? Bendito seja Deus, ao conceder-me esta graça. Se nós, estamos unidos por existências anteriores, e a simpatia o trouxe até o meu colo, eu vou ser a mãe mais solícita.

No meu coração, eu sentia a necessidade urgente de exteriorizar meus puros e maternais sentimentos, que são realizados por todas as mulheres, com exceção de algumas infelizes, as quais despertam compaixão.

A mãe dessa criança, que se separou do seu lado, privando-o de seu calor maternal, inspira-me uma profunda compaixão. Embora respeite os segredos, que poderiam tê-la forçado, a desprender-se do seu filho.

Estou ansioso para receber a resposta. Não é a curiosidade que me guia, é porque me parece, que este filho é mesmo meu. Sim, ele é meu. Eu o amo tanto!

Comentário da médium

Naturalmente, eu estava muito interessada no conteúdo desta mensagem. E quando teve a oportunidade, pedi ao Espírito Guia, uma luz sobre este assunto, obtendo a seguinte comunicação:

Psicografia

Eu vejo que continuamente as pessoas te encaminham perguntas, sobre tópicos interessantes. E você, com a melhor boa vontade, vêm nos perguntar, estabelecendo assim a comunicação direta entre os vivos e os mortos.

Estas comunicações entre os dois mundos, existiram desde toda a eternidade. Mas agora ficaram mais conhecidas, graças ao progresso realizado em todas as classes sociais.

Assim, o contato com o além, perdeu a sua superioridade antiga, que era apenas destinada aos iniciados nos mistérios divinos. Descendeu de seu alto pedestal, onde os sacerdotes, em seus templos, guardavam as revelações com os Espíritos.

Os seres espirituais sempre se comunicaram com os terrenos. Faz-se muito necessária essa relação direta, entre os chamados “vivos” e os chamados “mortos”.

Não é a comunicação mediúnica atual, a que permanecerá ao longo dos séculos. Esta forma de contato ainda é muito defeituosa. Em muitos casos, ela precisa de várias transmissões. Isto acontece porque, às vezes, Espírito comunicante transmite a comunicação que dá outro Espírito, e este, ao repetir ao médium, não dá conta do que é ditado, pois ele é a terceira pessoa na transmissão. Mas, já é alguma coisa:

Tudo o grande, começa pela ligação dos átomos, assim como acontece com os mundos. Da mesma forma, as comunicações entre os habitantes da Terra, e os do mundo espiritual, tiveram o seu início com manifestações de menor importância.

Surgiram como aparentes pancadas, movimentos de mesas e objetos, barulhos estranhos, e luzes que chamaram a atenção, necessariamente dos homens indiferentes.

Estes fenômenos tem feito refletir aos homens sensatos, que tiveram de parar as suas atividades para observar e dizer: A nada, não produz nada.

Estes sons, esses golpes, estas fontes de luz que brotam em vários pontos, são efeitos de alguma causa, e de uma causa inteligente. Eles têm perguntado e indagado, para conseguir o que você já tem: conversas constantes com os Espíritos.

Algumas mensagens do além são muito interessantes e muito instrutivas. Mesmo com os meios de comunicação, que hoje vocês disponibilizam, são muito imperfeitos e muito pobres. Mas chegara o tempo que os homens, não vão precisar de médiuns, para servir de ponte entre nós e vocês. Todo mundo vai falar com seus parentes desencarnados e com seus seres queridos diretamente.

Como? De que jeito? Falando? Escrevendo? Aparecendo com o último corpo, que utilizou na Terra? Os detalhes não são importantes, do jeito que seja realizado é o mínimo que devemos nos preocupar.

Mas, até esse momento feliz chegar, da sonhada comunicação direta, temos que nos conformar com a transmissão atual. Um escritor famoso diz que uma obra traduzida, lembra um papiro antigo, virado de cabeça para baixo.

Isso pode aplicar-se à maioria das comunicações mediúnicas. Mas tudo precisa de trabalho e tempo, para serem apreciadas no seu verdadeiro valor.

Continua perguntando aos Espíritos, o porquê de muitos acontecimentos que te surpreendem. Eles despertam o mais profundo interesse, e proporcionam conforto para muitos que choram na escuridão.

Uma mulher que sonhava em ser mãe, pergunta-nos, se a criança que foi deixada na porta da sua casa, já foi algo seu em outra vida. Você pode dizer que sim. Esse menino foi em outra encarnação carne de sua carne, e osso dos seus ossos.

Na última existência, na qual ela pertencia à nobreza, foi enganada e seduzida por um magnata. Ele não poderia lhe dar o seu nome, porque ele já tinha dado a outra mulher.

A mulher ao perceber que ia ser mãe, confidenciou o segredo de sua desonra ao seu irmão mais velho. Este teve pena do seu infortúnio e levou-a longe do seu país.

A mulher ficou num lugarejo situado entre as montanhas, e ali deu a luz. Ela teve um neném, que foi levado a uma instituição de caridade, e jogado junto com as muitas crianças sem nome. A jovem mãe pediu de joelhos, para dar-lhe de volta seu filho, mesmo ficasse abandonada no meio da rua, mas não obteve sucesso.

Ela voltou para o seu palácio com o coração despedaçado. Não podia ver uma criança pequena, sem sentir um horrível ataque de convulsões. Todo o tempo que ela, esteve na Terra, chorou por seu filho e morreu chamando-o.

Quando chegou ao mundo espiritual percebeu que continuava viva. Encontrou o seu filho perdido, com os seus carinhos, esqueceu-se de tudo o que sofreu. Prometeu ser o seu guia, e em recompensa, pela sua constante lembrança, teria o filho perdido, mais tarde nos seus braços.

Este menino, em cumprimento de sua expiação, teve várias encarnações lançado do ventre das suas mães. Ele tinha que ser amado pela caridade e pela compaixão. Não era digno, por seus atos passados, de um descanso tranquilo nos braços de uma mãe amorosa.

Por isso, na sua existência atual, foi deixado abandonado. Mas, como ela era credora da maternidade, e como na sua encarnação anterior não conseguiu ser, mais do que o tempo da gravidez, hoje, a espiritualidade lhe entregou ao seu filho do ontem, para que a sua alma possa desfrutar, das delícias inefáveis da maternidade.

Merece ser mãe, por isso que recuperou o seu filho. Durante muitos anos, ela o chamava nos seus sonhos, assim como nas suas horas de vigília.

Em memória sua, ela visitou muitos órfãos e fez amizade com inúmeros indefesos.

Então estava na hora para recolher a colheita da sua sementeira do ontem. Que ame muito ao órfão. Foi lhe confiado, para que ela possa orientá-lo, educá-lo e instruí-lo.

Que curta o seu bom momento, pois, proteger órfãos é a ação mais meritória e a que mais pode engrandecer o espírito.

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Nossa! Que história tão comovente e interessante! Ficaré contente a mulher generosa, que recolheu em seus braços, o pequeno náufrago, no mar da vida, à mercê das ondas.

Se não fosse por ela, o menino teria sido morto, diante das rochas. Caridade oficial, que apenas mantém as crianças, para não deixá-las morrer de fome.

Bem-aventuradas sejam as almas que sabem amar!

15. O enterro de um mártir

Relato

Notícia da França:

Paris viu ontem, um daqueles espetáculos que nunca são apagados da memória de um povo. O pequeno Pedro, uma criança de três anos, martirizado pelos seus próprios pais, foi levada ao necrotério do cemitério, seguido por um acompanhamento de quatro milhões de pessoas.

Não temos registro de nenhum outro caso nesse nível. Seu pequeno caixão desaparecia diante da multidão de flores, oferendas de pais e mães trabalhadoras, em nome dos seus filhos.

Quando o corpo foi colocado na sepultura, todas aquelas pessoas foram depositando um punhado de terra, sobre esta vítima da barbárie de pais desnaturados.

O povo de Paris desejou com aquela grande manifestação, provar ao mundo que, a desumanidade é uma rara exceção entre os seus membros.

Comentário da médium

Fiquei profundamente impressionada, com a história horrível do martírio de uma criança, e o sepultamento de um mártir.

A primeira revela uma maldade terrível e a segunda mostra o avanço da humanidade. Sem dúvida, com sensibilização, as pessoas são amolecidas interiormente, perdendo lentamente a sua ferocidade.

Psicografia

Não julgues de forma tão leve. A humanidade age segundo as circunstâncias. Você pode ter certeza, que há muitos séculos, a humanidade terrestre, sabe auxiliar ao indefeso e sabe perseguir ao agressor.

Ao Espírito, que os franceses têm tributado uma homenagem com seu pensamento, as mesmas pessoas, exatamente essa massa justiceira, que é sempre a mesma em todos os tempos, naquela mesma cidade, o perseguiu.

O mesmo Espírito, no início do século XVIII, foi caçado pela massa nas ruas de Paris, com o único propósito de arrastá-lo e despedaçá-lo.

Você sabe por quê? Porque o Espírito do jovem Pedro foi um nobre da realeza da França. Mas tudo o que tinha em cristas e pergaminhos, ele não possuía em sentimento, nem em humanidade.

De um caráter muito violento, irascível sobre toda ponderação, mantinha com medo a todos os seus servos. Particularmente, a algumas crianças que tinha como criados.

Uma delas era o belo Isaías. Um garoto, que todo de Paris conhecia, por sua figura galante e pela maneira como ele montava a cavalo. As mulheres da aldeia, quando o viam, passavam a invejar a mãe desse rapaz tão admirável.

Certa manhã, ambos saíram a cavalo, Isaías e seu senhor.

O cavalo de Isaías tropeçou e caiu, mas o ginete saiu ileso, menos a sua cavalgadura. Isto resultou em lesões muito graves, e o nobre Senhor obrigou a Isaías a deitar-se no chão, e a base de azotes deixou-o morto.

O povo se revoltou, as mulheres rugiram como feras e perseguiram ao nobre, chegando tão perto de prendê-lo, que ele refugiou-se no palácio real. Até lá foi a massa, pedindo a morte pelas mãos de um carrasco, já que eles não tinham conseguido quebrá-lo a seu prazer.

E a multidão ficou tão indignada, que para evitar males maiores, tiveram que condenar à morte ao nobre. Ele subiu ao andaime, ouvindo as maldições, de um povo generoso.

O nobre de ontem é o pequeno Pedro, que reconhecendo a sua inferioridade graças ao Espírito de Isaías, que é, por assim dizer, o seu anjo da guarda.

Pedro escolheu um de seus muitos inimigos, para criar família na Terra, e encarnou pronto para iniciar um processo de reconciliação. Mas o seu atual pai, na outra encarnação também foi vítima da sua crueldade, e por conta dele, morreu na forca.

Nesta vida, não conseguiu ver no seu filho, mais do que um ser que odiava com todo o seu coração. Assim, sempre sentia o prazer de atormentá-lo, com uma ferocidade sem precedentes, o que representa uma reprovação para todo Espírito.

Isto, porque uma criança sempre inspira piedade pela sua impotência, e este era o único meio de reconciliação que podia ser usado na Terra.

Você precisa ser um monstro de iniquidade, para não se sentir tocado, por uma criança. Por feia ou repugnante que seja, é impotente, e não pode se defender precisando da ajuda de todos.

Se um bicho irracional inspira compaixão, quando não há comida, o que deveria acontecer com um menininho, que não pode defender-se?

Por isso, o pai de Pedro é um verdadeiro criminoso. Ele tem colocado novos elos para sua longa cadeia. Agora vai ter que ir atrás do Espírito de sua vítima, pedindo misericórdia.

Mesmo que o Espírito Pedro esteja disposto a progredir, o perdão não tira um átomo, a enormidade da cruel vingança do seu antigo inimigo.

Pedro não veio por esta vez a sofrer tal martírio. Era uma tentativa de reconciliação o que pretendia fazer, e estava disposto a trabalhar no seu progresso. A punição das suas culpas não precisava de ninguém para vir a impô-las, ele mesmo será juiz e júri ao mesmo tempo, assim como são todos os Espíritos.

Não existe uma fatal necessidade, que faça a algum Espírito se tornar algoz de outro, mesmo pelo fato que este precise pagar muitas contas. Cada um é algoz de si próprio.

Quando alguém morre de forma violenta, em extrema pobreza ou sofrendo dores sangrentas, acontece porque o horrendo papel de vingador está sendo realizado por um Espírito, dominado por seus maus instintos. Mas isso, não sucede porque ele encarne na Terra com ordens superiores, para torturar o culpado ontem. A lei é cumprida sem necessidade de qualquer agente executivo. É só olhar ao redor para ficar convencido.

Você não tem visto ou lido muitas vezes, que homens poderosos, com os bens da fortuna, com a vida feita, com família amorosa, acabam seus dias de forma terrível?

Você não se lembra de um rico idoso, que deixou uma mala cheia de imenso valor, ficou nu e em frente à lareira, untou com óleo seu corpo e se queimou?

O que prova o seu jeito de morrer? Que tinha irremediavelmente ser carbonizado o seu corpo, para sofrer as dores que gerou a outros na fogueira?

Quando a imprensa relata crimes horríveis, compadecei dos algozes, porque eles estão condenando-se a trabalhos forçados por muitos séculos.

O prazer da vingança é realmente um prazer infernal. Coitado de quem gosta de assistir a um ser impotente sofrer! Pobre daqueles que são surdos aos gritos das crianças!

Adeus.

O Espírito Guia

Reflexão

Estou muito feliz com a comunicação que recebi. Eu sempre acreditei que o papel de algoz, não era necessário para a humanidade. É suficiente para o homem a sua própria história, para subir ao céu ou para descer aos abismos.

Amália Domingo Soler

Nasceu na cidade de Sevilha, Espanha, no ano de 1835. Foi a maior expoente do Espiritismo da Espanha e a maior médium espírita da fala hispânica.

Sua vida foi caracterizada pelas inúmeras dificuldades que suportou com força e coragem. No Brasil, é conhecida principalmente pelo seu livro “Memórias do Padre Germano”, ditado pelo seu guia espiritual, o Padre Germano.

Seus escritos destacam-se pelo estilo poético e leve. Amália desencarnou no dia 29 de abril de 1909, em Barcelona, na Espanha.

Luis Hu Rivas

É designer gráfico e nasceu em Arequipa, Peru. Reside atualmente no Brasil.

Já foi responsável pelo setor multimídia da Federação Espírita Brasileira.

Com o Conselho Espírita Internacional - CEI, foi o idealizador e coordenador da TVCEI, a TV espírita. Além da publicação da *Revista Espírita* em espanhol, escreveu diversos livros como “Doutrina Espírita para principiantes” e “Espiritismo fácil”.

No Peru, seu país de origem, tornou-se espírita lendo as obras de Allan Kardec. Na sua juventude, teve contato com as obras da médium espanhola Amália Domingo Soler. As psicografias chamaram-lhe muito a atenção e causaram grande impacto na sua vida, em especial as referentes a vidas passadas.

No Brasil, país onde reside atualmente, percebeu que, a vida e as obras mediúnicas de “La gran dama del Espiritismo”, como também é chamada Amália Domingo Soler, ainda não são muito conhecidas.

Assim, baseado nessas psicografias de consolo e esclarecimento, que ele recebeu, elaborou o livro “15 vidas passadas”.
Como uma forma de retribuir, ao povo brasileiro, o acolhimento e o carinho que recebeu ao longo dos quinze anos que reside na “pátria do evangelho”.